

ECOFESTIVAL DE MONTEJUNTO

Mar de Névoas

1.ª EDIÇÃO – MAIO DE 2024

THEYA



Mar de Névoas. Ecofestival de Montejunto

Emília Vizcaíno *et al.* Lisboa: Theya Editores, 2025.

Coordenação **Emília Vizcaíno, Rui Filipe, Maria Ilhéu,
Samuel Dimas, Carla Gomes, Paulo Borges e Iryna Tarasova**

Edição **Theya Editores**

Direcção Editorial **Susana Mourato Alves-Jesus**

Design e Paginação | Coordenação de Produção Editorial
e Comunicação **Carolina Bonina Grilo**

Fotografia da Capa **Maria Ilhéu**

Poema da Contracapa **Samuel Dimas**

Obra dos Separadores: **Desenho de Filipe Romão**
(*Montejunto* – carvão sobre papel, 56 x 76 cm, 2024)

ISBN 978-989-9289-03-1

Data da Edição 2025

© **Theya Editores**

Instituto Europeu de Ciências da Cultura Padre Manuel Antunes – IECCPMA

Rua Ladislau Patrício, 8, 1.º A | 1750-136 Lisboa

(00351) 969 977 702 | theyaeditores@gmail.com | <http://theya-ed.pt>

Edição Conjunta com:

Associação de Municípios de Alenquer e Cadaval (AMAC)



Os direitos de publicação e a originalidade das imagens presentes neste volume
são da inteira responsabilidade dos coordenadores da obra.

ECOFESTIVAL DE MONTEJUNTO

Mar de **Névoas**

1.ª EDIÇÃO – MAIO DE 2024





SUMÁRIO

NOTA DE ABERTURA, do Vereador do Município de Alenquer ... 9

MANIFESTO, de Emilia Vizcaíno ... 11

APRESENTAÇÃO ... 15

I PARTE

AR: MOINHOS DE VENTO ... 19

CAPÍTULO PRIMEIRO

**Da Ecoresidência ao Ecofestival
e o Problema das Alterações Climáticas** ... 21

1.1 A Ecoresidência para uma vivência ecoartística
e uma reflexão ecológica natural e cultural ... 21

1.2. Os ventos e os fogos do Monte ... 26

1.3. Exposição de Fotografia “Phenomena” sobre alterações climáticas ... 33

1.4. Concerto Ecomusical com o grupo La Barca ... 39

CAPÍTULO SEGUNDO

Agricultura Sustentável para uma Alimentação Saudável ... 43

2.1. A cura do bosque na “cabana do lenhador” ... 43

2.2. Sobre a agroecologia com João Vieira, guardião das sementes antigas ... 46

2.3. A “arte no vento” com o mestre moleiro Miguel Luís Nobre ... 50

2.4. Ana Barroso com Rui Filipe no cântico da natureza ... 54

II PARTE

ÁGUA: MAR DE NÉVOAS ... 57

CAPÍTULO TERCEIRO

No Património da Serra das Neves para a Identidade Cultural ... 59

- 3.1. A Fábrica da Neve e a nossa identidade cultural ... 59
- 3.2. A exuberância luxuosa de uma fábrica ... 63
- 3.3. Polo de desenvolvimento industrial e social ... 67

CAPÍTULO QUARTO

No Fluxo das Águas para a Vida do Território ... 71

- 4.1. A água da Fábrica da Neve e do ouvido do mar ... 71
- 4.2. A água das nascentes e ribeiras, das grutas e das névoas ... 73
- 4.3. A Ecologia das águas do Montejunto ... 75
- 4.4. A Criação site specific “No Fluxo das Águas” ... 78

III PARTE

TERRA: BOSQUES E MOURAS ENCANTADAS ... 83

A Arte como Manifestação da Beleza da Natureza e da Experiência Estética ... 85

- 5.1. Trilhos no monte por entre bosques, narcisos e giestas ... 85
- 5.2. A “rosa albardeira” na poesia e na música ... 89
- 5.3. A poesia do desenho e o desenho da poesia nos trilhos do monte ... 95
- A natureza ou o silêncio adiado do mundo ... 97

CAPÍTULO SEXTO

Mitos e Lendas no Espaço Sagrado do Monte como Meio de Purificação da Consciência ... 105

- 6.1. A mitosofia da “moura encantada” ... 105
- 6.2. Instância iniciática da conversão ... 110
- 6.3. Na boca da serpente para a redenção do mal e a conversão interior ... 114

IV PARTE

FOGO: VENTRE DA TERRA ... 117

CAPÍTULO SÉTIMO

Peregrinação ao Coração da Terra para a Redescoberta da Paz Interior ... 119

7.1. A catábase do repouso na treva ... 119

7.2. O sentimento saudoso do divino
no algar interior do Monte Sacro ... 123

7.3. A paz interior no coração do monte e retorno
à vivência afetiva da natureza ... 125

7.4. Ação do Espeleo Clube de Torres Vedras
na educação ambiental e defesa do património natural ... 128

CAPÍTULO OITAVO

Nos Trilhos do Ecumenismo Espiritual para uma Ecologia Integral ... 137

8.1. Via diurna da ecomeditação ... 137

8.2. Caminhada ecomeditativa na fruição da natureza ... 140

8.3. O sentimento saudoso de regresso à condição originária ... 143

ENCERRAMENTO ... 153

COORDENAÇÃO ... 155



NOTA DE ABERTURA

No ano em que se comemoram os dez anos da Associação de Municípios de Alenquer e Cadaval (AMAC), criada em 2015 com o fim específico de conservar e valorizar o património natural e cultural que caracteriza a Serra de Montejunto, a diversidade quantitativa e qualitativa da fauna e da flora que ali coexistem, assume-se cada vez mais como um imenso laboratório vivo propenso a múltiplas reflexões em torno das possibilidades expressivas do “monte”.

A Serra de Montejunto detém uma atmosfera anímica própria, uma intensidade expressiva que ressalta de mínimos e impercetíveis pormenores, de percepções e apropriações efémeras, transitórias e irrepetíveis, camufladas pelos cambiantes da luz e das sombras, pelas mutações das cores, dos sons, das formas e dos cheiros que coabitam no espaço, sem hierarquia. Detém uma dimensão heurística, uma força telúrica em que cada elemento natural se converte numa descoberta e num estímulo para formular um pensamento crítico ou um ato criativo.

Considerando a sensibilidade da área e os valores em presença, impõe-se aos municípios de Alenquer e Cadaval a adoção de políticas públicas e medidas de gestão e de sensibilização ambiental concretas e eficazes, que permitam a salvaguarda da serra sem impedir o seu usufruto por parte da população.

O Ecofestival de Montejunto representa a sacralização dos valores naturais, culturais e paisagísticos que a AMAC consagra à Paisagem Protegida da Serra do Montejunto, criando, através de um delicado equilíbrio de intercâmbios recíprocos, um território de encontros assente numa ética própria e numa consciência ambiental e ecológica cada vez mais consolidada.

Pelo segundo ano consecutivo, o Ecofestival regressou ao “monte” com um programa de atividades assente no desenvolvimento de ações e reflexões capazes de filtrar o supérfluo. Durante quatro dias, distintos criadores e pensadores arrimaram-se numa vivência ancestral e os ensaios de reconhecimento desenvolvidos no ano anterior consolidaram-se, excederam a sua grandeza, a sua força, a sua energia pulsante, recuperando o sentido de pertença ao domicílio originário.

Que o Ecofestival de Montejunto se replique em sucessivas edições, se prolongue no tempo, num tempo não utilitário a partir do qual se possa construir uma nova ordem para o “monte”, novas rotas e cartografias que tenham como consequência vislumbrar distintas maneiras de o habitar e de o perscrutar, reafirmando a atenção que o “monte” requer, necessariamente, para existir enquanto paisagem.



Paulo Franco, julho de 2025
Vereador do Município de Alenquer

MANIFESTO

“Temos de compreender que as formas de vida não constituem uma pirâmide com a nossa espécie no vértice, mas sim um círculo onde tudo está ligado a tudo o resto”.

John Seed, Joanna Macy, Pat Fleming, Arne Naess/
Thinking like a mountain. Towards a council of all beings

Todos somos testemunhas deste momento histórico em que a incerteza sobre o nosso ambiente se torna visível com a poluição do solo, da água e do ar, a poluição sonora, a desflorestação, a devastação dos ecossistemas, a elevada perda de biodiversidade e muitos outros males globais causados pela aceleração da atividade humana. O desequilíbrio em que vivemos é cada vez mais evidente, com inúmeros sinais como o déficit de Natureza e as alterações globais que nos estão a afetar negativamente tanto biológica como socialmente. Observamos o desaparecimento das estações, que parecem confundir-se numa indefinição que provoca uma instabilidade difícil de assimilar para qualquer espécie que habite o planeta. Hoje sofremos as consequências de um clima já alterado em que fenómenos naturais como a chuva ou a seca chegam em alturas inesperadas ou com intensidade devastadora.

Para responder a este problema multifacetado, temos de reconhecer a nossa espécie como parte de um todo e tomar consciência do que está a acontecer para agirmos em conformidade, sendo a própria atividade humana um fator-chave na conservação e recuperação de diferentes habitats. Estamos agora confrontados com a necessidade de uma mudança de paradigma em que as nossas formas de fazer cultura estejam alinhadas com o desenvolvimento sustentável. Para encontrar esse equi-

líbrio saudável, é essencial oferecer às comunidades experiências de qualidade na Natureza através da cultura, unindo as artes e as ciências em prol de uma comunicação ambiental eficaz que promova a reconexão com o mundo natural. Estes encontros servem também para incentivar as pessoas a agirem no sentido de melhorar a situação eco-social, sem esperar que esta ação venha do corpo político, que deve, sem dúvida, também estar profundamente envolvido nesta mudança tão necessária.

Eco-artes e eventos são um veículo especialmente poderoso para a consciência ambiental, reflexão crítica e espírito de comunidade necessários para esta grande mudança de pensamento e ação. Foi precisamente por esta razão que decidimos criar o Ecofestival de Montejunto com uma equipa interdisciplinar de cultura, arte e ciência, com a premissa de colocar o evento ao serviço da serra de Montejunto, e não o contrário. É um ecofestival de pequeno formato ligado ao campo e à ecologia, com várias atividades comunitárias em pontos específicos da Serra de Montejunto. Destina-se principalmente a públicos locais e pessoas interessadas no “ativismo eco-artístico”. Temas de áreas como a cultura local, sentido de comunidade, bem-estar ecossocial, conservação de habitats e rituais ligados à Natureza entrelaçam-se durante o festival, contribuindo para alimentar respostas sociais, académicas e políticas proativas para o cuidado de Montejunto, que é o principal objetivo desta iniciativa. O ecofestival oferece concertos, workshops, atividades guiadas e rodas de conversa.

O Ecofestival de Montejunto propõe:

- Iniciativas sustentáveis relacionadas com a cultura e diversidade biológica e cultural da Serra de Montejunto
- Ajudar as pessoas a perceber como se relacionar com esta serra de uma forma saudável, por exemplo, enfatizando a limitação de aglomeramentos de pessoas (até 25 nas áreas não humanizadas do território)
- Respeitar os habitantes, o meio ambiente e a cultura local, com propostas artísticas e ecológicas que promovam empatia e cuidado com o local; respeitar a memória e a criação de novas relações com a Natureza

- Oferecer à comunidade local uma variedade de pontos de vista para conhecer a serra de uma forma mais completa e assim promover o seu cuidado
- Práticas que abordam o envolvimento das pessoas com a comunidade humana e para além da comunidade humana
- Unir ciências, artes e participação cidadã em benefício do território
- Gerar redes de colaboração e apoiar as que já existem na área
- Uma abordagem ativista para ajudar à Serra de Montejunto em cada edição do festival ecológico
- Adaptação às necessidades e contexto social do território
- Um evento com baixa pegada ecológica
- Promoção das propostas culturais dos habitantes da zona
- Artes e educação ambiental em forma de diálogo e experiências

Emília Vizcaíno



Fig. 1 – Observação das espécies invasoras nas Fontainhas, com Paulo Marques (fotografia de Carla Gomes).

eco
FESTIVAL
montejunto

APRESENTAÇÃO



Fig. 2 – No interior das ruínas do antigo Convento Dominicano (fotografia de Carla Gomes).

Este Ecofestival é realizado por uma equipa interdisciplinar das ciências e das artes, que tem por objetivo sensibilizar a sociedade para os problemas ambientais e para a necessidade de uma ordem em harmonia com o meio ambiente. A Natureza, além de entregar-nos este milagre que é a vida e tudo o que precisamos para a manter, tem sido desde sempre objeto de fascínio por parte do ser humano, tem inspirado pintores, filósofos, músicos, bailarinos... culturas. Não esqueçamos que toda cultura está intimamente ligada à Natureza, ao território que habitamos e ao qual pertencemos, ao pássaro que canta percorrendo distintos continentes, às pedrinhas que riem com o passar das águas dos rios, aos predadores que equilibram os ecossistemas, aos insetos irrequietos que tanto trabalham, às árvores, que parecem tão certas, até às intermitentes nuvens, ao

ar etéreo, ao longínquo sol... todos juntos contamos um só! Nestes dias queremos entrar em contacto profundo com o Montejunto, homenageá-lo, entrar em conversa com ele, conhecer as suas histórias, aventuras, animais, plantas, pessoas, saberes... porque só se protege o que bem se conhece. Tencionamos usar a cultura para favorecer a serra, não usar a serra para simplesmente tirar partido dela.

Este pequeno ecofestival é a celebração das artes e da natureza numa unidade indivisível, e está dirigido ao público local em pequenos grupos, pois o ideal é não fazer ajuntamentos muito grandes que podem chegar a perturbar a paz dos seres que habitam esta serra apaixonante. A programação está dividida em 4 partes, fazendo alusão aos elementos: ar, água, terra e fogo, conectados às manifestações naturais e culturais desta serra que tão bem nos acolhe. Esta programação tem sido trabalhada desde há mais de um ano com uma equipa interdisciplinar (artes plásticas, filosofia, música, meditação, ecologia, comunicação ambiental, literatura...). Esta equipa é formada por Rui Filipe, Carla Madruga, Maria Ilhéu, Iryna Tarasova, Samuel Dimas, Paulo Borges e Mili Vizcaíno.

Queremos agradecer desde a nossa equipa ao mundo mais que humano que compõe esta orquestração que é a Serra de Montejunto, incluindo a todas as pessoas que estão colaborando connosco, para podermos realizar este evento, às Câmaras de Alenquer e do Cadaval, e ao público que vem ter connosco nestes dias tão especiais para nós. Muito obrigada!

O Ecofestival organizado em Montejunto oferece um contributo importante para a promoção do ecumenismo espiritual no contexto de uma ecologia integral, em fraterna comunhão de todos os seres, nomeadamente através da capacidade de criação artística e de reflexão sobre o sentido da vida. No monte, os trilhos constituem-se como lugares sagrados de encontro com o céu. Para celebrarmos a experiência do monte, que nos faz ser mais humanos e mais divinos, e para convidarmos muitas outras pessoas a partilharem do mesmo espanto e encanto, o evento apresentou-se com a seguinte divulgação oficial:

“A Associação de Municípios de Alenquer e Cadaval (AMAC), em parceria com o grupo ECOMUSICOLOGIA IBÉRICA, promove a 1.ª edição do ECOFESTIVAL DE MONTEJUNTO nos próximos dias 19, 24, 25 e 26 de maio. Trata-se de um evento de ativismo eco-artístico que pretende valorizar o património cultural e natural da Serra de Montejunto através de diálogos entre ecologia e cultura, onde as artes têm um lugar de destaque.

O programa do evento dividiu-se em conformidade com os quatro elementos clássicos da natureza: AR – Moinhos de Vento; ÁGUA – Mar de Névoas; TERRA – Bosques e Mouras Encantadas; FOGO – Ventre da Terra. O mesmo foi concebido por uma equipa interdisciplinar que elencou um conjunto de atividades abrangendo as áreas das ciências, humanidades e artes.

Concertos musicais, *workshops*, caminhadas, visitas guiadas e rodas de conversa são algumas das atividades propostas nesta 1.ª edição do ECOFESTIVAL DE MONTEJUNTO. A programação totalmente gratuita é dirigida a adultos e crianças e procura suscitar reflexões sobre o valor da relação natureza-cultura, assim como promover o sentido de comunidade e bem-estar ecossocial, na expectativa de que possam alimentar uma resposta social, erudita e politicamente proativa em relação à crise ambiental atual.

O Conselho Diretivo da AMAC lança-lhe o repto para participar nesta 1.ª edição do ECOFESTIVAL DE MONTEJUNTO, um evento que proporciona uma simbiose entre a cultura e o meio ambiente em várias vertentes, com a particularidade de decorrer sempre ao ar livre e em zonas integrantes da Paisagem Protegida da Serra de Montejunto”.

Emilia Vizcaíno

I PARTE

AR

MOINHOS DE VENTO



Fig. 3 – Moinhos de vento na encosta do Avenal (fotografia de CMA).



Fig. 4 – Sol no bosque de castanheiros da Quinta da Serra (fotografia de Carla Gomes).

CAPÍTULO PRIMEIRO

DA ECORESIDÊNCIA AO ECOFESTIVAL E O PROBLEMA DAS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS

1.1 A Ecoresidência para uma vivência ecoartística e uma reflexão ecológica natural e cultural*

Em setembro de 2023 realizamos em Montejunto uma Ecoresidência para prepararmos a organização do Ecofestival. Percorremos diversos trilhos, escutámos os segredos do monte e conversámos com os seus habitantes. Desenhámos a pintámos em diálogo íntimo com a natureza. Visitámos a Fábrica da Neve e assistimos ao nascer do Sol no caminho para o antigo convento dominicano pela calçada dos monges. Percorremos as Fontainhas e sob a orientação do Paulo Marques debatemos o problema grave das invasoras, visitámos a gruta dos Buracos Mineiros e conversámos sobre os habitantes dos castros que enterravam os seus mortos nos algarés e nas grutas da serra. Descemos à encosta dos moinhos entre Vila Verde e Vilar e conversámos com o moleiro Miguel Luís que nos fez uma visita guiada ao seu Moinho de Avis. Alguns de nós ainda descemos ao castro de Pragança e contemplámos os antigos penhascos que serviam de relógios de sol, como a conhecida penha do meio-dia, por cima da qual admirámos as nuvens que chegavam do mar.

* Texto de Samuel Dimas.



Fig. 5 – Encosta norte de Montejunto com horizonte até ao mar de Peniche e das Berlengas (fotografia de Maria Ilhéu) .

O azul que rebenta das pedras
tem a mesma transparência das nuvens
na hora saudosa
em que chegam do mar

Samuel Dimas

Mas o que significa e para que serve um Ecofestival? Qual o objetivo de um festival ecológico? Como está dito no manifesto, para contribuímos no desenvolvimento de uma consciência ambiental mais profunda e mais ampla na nossa sociedade. Etimologicamente, o termo *Ecologia* vem da conjugação dos termos gregos οἶκος, que significa habitação, e λόγος, que significa palavra, e traduz-se por estudo ou ciência da habitação ou casa da Humanidade que é o planeta Terra. O termo foi criado por Ernst Haeckel em 1866 na obra *Generelle Morphologie der Organismen* para designar a ciência da natureza, que, à luz da fisiologia e da morfologia, estuda a relação dos seres vivos entre si e deles com o meio ambiente em que vivem¹.

A *Ecologia* é, por um lado, uma disciplina científica, que no contexto das ciências biológicas estuda os ecossistemas naturais e as suas complexas interações, surgindo aplicações no campo social com a chamada *ecologia humana*, e é, por outro lado, um movimento social que defende a relação entre o meio físico e a ação humana no diálogo e no respeito pela natureza, denunciando os problemas ambientais que derivam de uma política de consumo de energia e de recursos que põe em perigo a existência da vida no planeta. No primeiro caso, o âmbito de atuação é científico e no segundo caso trata-se de uma leitura da realidade que pretende ter implicações políticas e culturais. Por isso, alguns autores definem a primeira perspectiva, que é puramente descritiva no campo científico dos ciclos de vida na Terra, como *Ecologia*, e a segunda perspectiva, que tem um âmbito valorativo, como *Ecologismo*.

Mas a Ecologia não ficou limitada a estes dois planos e em 1970, o filósofo escandinavo Arne Naess criou a noção de *Ecologia profunda*, como expressão de uma preocupação que não está centrada apenas nos sistemas do mundo natural, mas também está focada na influência dos seres humanos sobre esses sistemas². Conciliando o âmbito científico com o

¹ Ernst Haeckel, *Generelle Morphologie der Organismen*, Vol. I (Berlim, 1866), 8.

² A. Naess, «The shallow and the deep, long-range ecology movements», in *Inquiry*, n.º 16 (1973), pp. 95-100.

âmbito de uma ética ambiental, tem por objetivo, não apenas advertir que podemos destruir o meio-ambiente, mas, essencialmente, clarificar quais as influências despercebidas das crenças políticas, religiosas, culturais e filosóficas, nas nossas atitudes perante esses sistemas naturais.

Os defensores desta posição não apenas descrevem, como também avaliam os sistemas que escolheram estudar, denunciando que esta ou aquela mudança é para melhor ou para pior e informando que atividade contribui para o bem-estar ou mal-estar mundial. Na sua atenção ao todo, a *Ecologia profunda* identifica duas cosmovisões contrárias: aquela que considera os seres humanos separados da natureza e superiores ao resto da criação, numa atitude de dominação que resulta do contágio do pensamento dualista antropocêntrico e materialista; e aquela que busca uma harmonia com a natureza e o reconhecimento do seu valor intrínseco com a imposição de limites ao consumo e à tecnologia que o alimenta. Como identifica Christopher Belshaw, esta posição encerra uma crítica ao pensamento ocidental, contendo uma dimensão religiosa, não apenas de uma certa corrente cristã de inspiração franciscana, mas também de influência budista e ameríndia, e contendo também uma dimensão filosófica de autores como Espinosa e Heidegger, com presença no ideário de instituições pela defesa do meio ambiente como a Greenpeace Internacional³.

A nossa perspetiva privilegia o diálogo com a *Laudato Si* do Papa Francisco, não seguindo uma via puramente panteísta de total indistinção biologista ou espiritualista entre todos os seres, mas de reconhecimento da manifestação divina em toda a criação através de uma presença imanente total que é simultaneamente ausência transcendente, porque não se esgota naquilo em que se manifesta e não se reduz às categorias humanas. Citando o carteiro de Pablo Neruda, o Mundo é uma grande metáfora de Deus, símbolo essencial da sua ação paradoxal

³ Christopher Belshaw, *Filosofía del medio ambiente: Razón, naturaleza y preocupaciones humanas*, traducción de Inês Gutierrez González y Amalia Vijande Martínez (Madrid: Editorial Tecnos, 2005), 286.

de imanência transcendente, e deve ser objeto de nossa relação amorosa porque nós fazemos parte dele de modo relacional. Da mesma maneira que cada organismo é bom e admirável em si mesmo, na sua individualidade, pelo facto de ser uma criatura de Deus, o mesmo se pode dizer do conjunto harmónico de organismos funcionando num determinado espaço como sistema. Nesta perspetiva, o labor da razão já não se centra na astúcia de resolver problemas, mas sim na vivência do mistério da vida, ampliando o seu sentido num clima de encontro fraterno entre o mundo e os seres humanos.

Se numa perspetiva monista de cariz panteísta essa valoração parece óbvia, porque concebe a existência de uma alma do mundo em que toda a realidade se identifica com o próprio Deus, na perspetiva teísta das religiões monoteístas do Livro essa valoração não pode deixar de ter em consideração a vida individual e autónoma de cada criatura. Uma ecologia assente na noção de comunhão ontológica do ser humano com o mundo, valorizando as diferenças e a relação pacífica entre elas. A existência do ser humano depende do bom funcionamento dos vários ecossistemas naturais, porque intervêm na purificação da água, na regulação de doenças e pragas, na composição do solo, na decomposição de resíduos, etc. Vivemos e agimos numa realidade que nos foi previamente dada, anterior à nossa existência e capacidades e a noção de «uso sustentável» implica a consideração sobre a capacidade regenerativa de cada ecossistema⁴.

Nesta perspetiva, o termo *Ecologia* é geralmente usado em sentido antropológico para designar o estudo interdisciplinar da relação entre as populações humanas e os seus ambientes, não apenas naturais, mas também sociais ou culturais. De uma maneira global, a *Ecologia* encerra quatro âmbitos de estudo: a variante propriamente ecológica dos ambientes naturais, a variante demográfica das populações humanas, a variante económico-tecnológica e a variante ético-política da organização social. Nós vamos procurar atender a todas elas, a partir de uma perspetiva interdisciplinar, com particular relevância para a experiência

⁴ Papa Francisco, *Louvado Sejas: Carta Encíclica Laudato Si, sobre o cuidado da casa comum*, (Prior Velho: Paulinas, 2015), 97.

estética. Em vez de artifício, o ser humano deve ser um artesão ou artista, em que a sua função primordial não é reduzir o mundo àquilo que é proposto e repetido pela sociedade na exploração objetiva da técnica, mas é ser colaborador respeitoso da realidade para o máximo desenvolvimento do seu sentido, num horizonte ético, estético, espiritual e hermenêutico que, em vez de dominar e impor uma realidade estática e previamente constituída, apreende a realidade no dinamismo evolutivo da sua abundância e excesso⁵.

1.2. Os ventos e os fogos do Monte*

No contexto das atividades da Ecoresidência, a Madalena Dimas realizou um documentário performativo a partir da experiência dos incêndios que aconteceram no ano de 2023. Um filme sobre o fogo e sobre os ventos que preparam a terra, não apenas para a renovação do bosque ancestral, mas também para a maior propagação das sementes invasoras. Este trabalho teve como guião o texto seguinte, em diálogo com algumas imagens marcantes desses trilhos no Monte fixados em fotografias.

Os ventos da noite

confrontam os ramos,
as estradas
e deslocam as sombras,

impedem as ideias
de se fixarem,

garantem o movimento
das luzes,
verde néon
mãos concha.

⁵ Joaquim Cerqueira Gonçalves, *Itinerâncias de escrita, Vol. III – Escola/Ecologia* (Lisboa: INCM, 2014), 340.

* Texto de Samuel Dimas; imagens de Madalena Dimas, Samuel Dimas e Maria Ilhéu.



Fig. 6 – Pinheiros à noite na encosta norte do monte (fotografia de Madalena Dimas).

Mas a noite
não é feita apenas de luar,
também de lume
cinzas e agonias.



Fig. 7 – Cinzas no incêndio de 2023 (fotografia de Madalena Dimas).

Os ventos
não garantem
apenas a vida,
as sementes
o e arrebatamento
das comunicações



Fig. 8 – Antenas de Comunicação (fotografia de Madalena Dimas).

a condensação das angústias
e a luz branca das nascentes
na forma de fontes



Fig. 9 – Fonte na aldeia de Pragança (fotografia de Madalena Dimas).

Os ventos misturam-se
com braços desorientados
e olhares levianos
revoltam-se
com o ódio e a negligência,
instauram o caos
a morte
e levantam o fogo
das entranhas do chão.

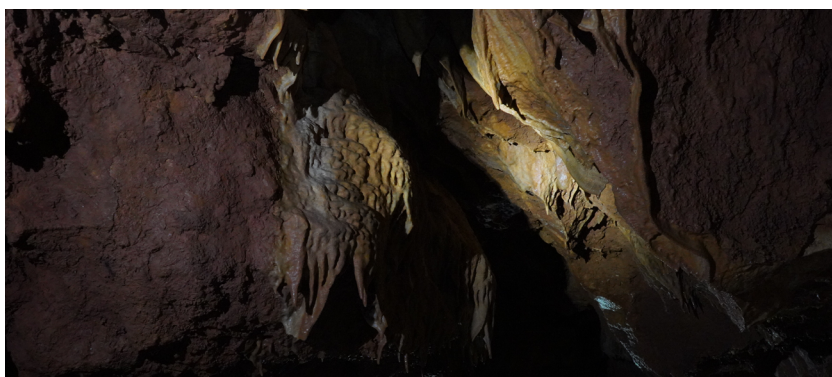


Fig. 10 – Entranhas do chão no algar do Javali (fotografia de Maria Ilhéu).

Os ventos juntam
os homens
os animais
e as árvores
na exigência da mesma
condescendência e contemplação

Arrependimentos
ou vinganças da miséria
da ausência de sentido
de organização
de cuidado cósmico,



Fig. 11 – Expressão contemplativa de Madalena Dimas no algar dos Buracos Mineiros (fotografia de Samuel Dimas).

Os ventos devoram
as vertentes mais expostas
ameaçam os vales ancestrais
e questionam
a humanidade,



Fig. 12 – Vertentes expostas pelo incêndio de 2023 (fotografia de Samuel Dimas).

lançam os despojos
na direção sul
e fustigam a verticalidade.



Fig. 13 – Azinheira exposta ao vento (fotografia de Samuel Dimas).

Todos os seres
se recolhem
no abrigo
dos penhascos
dentro das rochas



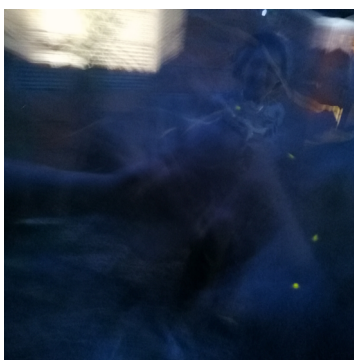
Fig. 14 – Dentro das rochas, no Furadouro (fotografia de Madalena Dimas).

na vertigem do espaço
no desassombro do tempo

orientam trilhos
e esperam o silêncio.



Fig. 15 – Trilho de mata virgem endêmica no Furadouro (fotografia de Samuel Dimas).



Outras noites
trarão a paz
ventos apaziguados

elevam as neblinas
e restauram a Esperança.

Fig. 16 – Outras noites, no Casal do Muro
Relôa (fotografia de Madalena Dimas).



Fig. 17 – Neblinas do monte, a partir do Casal do Muro Relôa (fotografia de Samuel Dimas).

1.3. Exposição de Fotografia “Phenomena” sobre alterações climáticas*



Fig. 18a – Inauguração da exposição “Phenomena – sobre alterações climáticas”, no Centro de Interpretação Ambiental da Paisagem Protegida Serra de Montejunto, com a presença do vereador da C.M.C. Dinis Acácio Duarte (fotografia da CMA).

* Texto de Samuel Dimas.

No fim de semana anterior ao Ecofestival, inaugurámos no Centro de Interpretação de Montejunto a exposição *Phenomena* que resultou de um concurso de fotografia organizado pelo movimento *ecoVerney* da Escola de Ciência e Tecnologia da Universidade de Évora (Ue) em parceria com a CIMAC (Comunidade Intermunicipal do Alentejo Central) e o apoio do Instituto Português de Fotografia. A exposição itinerante, inaugurada em Évora em 2019 com curadoria original de Maria do Mar, Janine da Silva, Mariana Valente e Maria Ilhéu, é constituída por 30 imagens que representam diversos olhares sobre o desafio atual das alterações climáticas.

Este trabalho de sensibilização ambiental também pretende homenagear o Professor João Corte-Real, da Universidade de Évora, primeiro climatólogo português e investigador de grande relevância nacional e internacional, falecido em 2018. É urgente promover um debate público sobre o impacto das alterações climáticas na vida da Terra, refletindo sobre soluções para este desafio. A arte tem o poder de comover e consciencializar as pessoas sobre os mais diversos temas da sua existência, apresentando-se como uma missão importante no reconhecimento do impacto das alterações climáticas nos ecossistemas naturais e nas atividades humanas. São muitos os alertas para o aumento da frequência de fenómenos climáticos extremos, como secas, inundações ou incêndios, e para o aumento da temperatura média do globo resultante do efeito estufa com o consequente degelo dos glaciares e a subida do nível dos mares.

Uma das imagens tocou-nos particularmente e estabelecemos com ela um breve diálogo poético ou afetivo:

O barro
abre no leito
bocas de ânfora
cozidas pelo fogo
de uma estufa cósmica

Corremos numa errância perdida
esgotando a respiração
e a água

Atravessamos a ponte submersa da ausência
por debaixo dos arcos

na esperança incerta de que o futuro
nunca deixe de repousar
nas flores primaveris do montado.



Fig. 18b – Inauguração da exposição “Phenomena – sobre alterações climáticas”, no Centro de Interpretação Ambiental da Paisagem Protegida Serra de Montejunto, com a presença do vereador da C.M.C. Dinis Acácio Duarte (fotografia da CMA).

A exigência de uma ética ecológica, que nos permita inverter o processo de destruição do meio ambiente e resolver o drama das alterações climáticas, implica uma reflexão que abranja todas as áreas do saber e todas as vertentes da cultura, desde a económico-política, passando pela técnico-científica até à estético-religiosa. As medidas político-sociais que adotamos fundamentam-se quase sempre em ideia antigas que replicamos sem questionar a sua origem e legitimidade. A leitura literal e anacrónica do relato bíblico judaico do livro do Génesis em relação ao “domínio” do ser humano sobre todas as outras criaturas e a proliferação das espiritualidades dualistas gnósticas, de origem grega, persa

e maniqueísta, acerca do carácter maligno da realidade terrena imperfeita e sensível, por contraposição com a realidade celestial perfeita e divina, contribuíram para a ideia errada de que devemos combater de forma hostil as resistências e ameaças do meio natural e de que podemos explorar sem limites os seus recursos para aumentar o nosso bem estar.

Nós preferimos guardar do texto sagrado a sua revelação mais forte e a sua intuição mais universal, traduzida na história da arte através de milhares de pinturas esplendorosas, como por exemplo, o *Jardim do Éden* (1615) de Jan Brueghel (1568-1625) e Peter Paul Rubens (1577-1604) que ilustra o anseio humano por uma perfeita harmonia entre todos os seres vivos.

Regresso ao paraíso

Regressei com Brueghel e Rubens
ao jardim do Paraíso
num dia de céu azul:
havia novos silêncios para escutar
e outros nomes para descobrir.

Nunca ouvira tal exuberância
nem sentira igual comoção:

a luz corroía as arestas do pensamento
a água cobria as ideias com a frescura necessária
a terra purificava os pés da esterilidade
e o vento agradava o corpo com poderes inimagináveis.

Acabámos por ficar
presos à liberdade das palavras ainda por dizer
e das melodias dos pássaros coloridos.

A atitude ecológica significa respeitar e promover a harmonia de todas as realidades, no reconhecimento de que todo o Universo encerra uma

inteligibilidade e um sentido, não se regendo por um absoluto acaso ou por um absoluto determinismo, o que significaria entender como ilusória toda a responsabilidade e ação humana no cuidado e na relação afetiva com a natureza e com os outros. A alternativa ao despotismo do antropocentrismo não é o relativismo do biocentrismo que desvaloriza as capacidades humanas de conhecimento, vontade, liberdade e responsabilidade e conduz a que os outros passem a ser tratados como objetos. A solução de uma ecologia integral passará por uma mudança de paradigma de uma ética da individualidade para uma ética da responsabilidade universal. Em vez de procurarmos o bem particular e o interesse próprio, sob o princípio económico da máxima exploração dos diversos fatores de produção naturais e artificiais, como os recursos energéticos, o trabalho e o capital, este novo modelo ético-social, que se fundamenta nas relações com a natureza através do elemento amor-cuidado, privilegia os valores da fraternidade e da solidariedade, no reconhecimento de que para além das liberdades individuais ou nacionais há exigências éticas universais que devem ser respeitadas e desenvolvidas.

Durante milhares de anos, por muito que o homem hostilizasse a terra com o seu arado e explorasse os mares com os seus barcos, os mesmos permaneciam inalteráveis e inesgotáveis. As intervenções do homem sobre a natureza eram superficiais e incapazes de pôr em causa o seu permanente equilíbrio. A natureza cuidava de si mesma e não era objeto da responsabilidade humana. Em relação à natureza, o homem não fazia uso da ética, mas apenas da inteligência, da capacidade de invenção para dominar os seus elementos hostis e explorar os seus recursos. De forma distinta, na ordem social da cidade, em que os homens se relacionam uns com os outros, a inteligência está ligada à moralidade e esta anima toda a sua vida. A atuação sobre os objetos não humanos não constituía um domínio de relevância ética, reduzindo-se esta ao plano estrito das relações humanas. A ética tradicional era antropocêntrica. Com o desenvolvimento tecnológico moderno tudo mudou, e embora os velhos preceitos da ética próxima, como a justiça e a caridade, permaneçam vigentes na imediatez íntima da esfera diária

das relações humanas, ganha relevância o crescente alcance do agir coletivo, no qual o agente, a ação e o efeito não são os mesmos, impondo à ética uma dimensão nova de responsabilidade⁶. O Ecofestival de Montejunto enquadra-se nesta nova perspectiva de sensibilizar a sociedade para a vulnerabilidade da natureza e para o facto de esta se ter tornado objeto da responsabilidade humana. Com dignidade própria e com um fim em si mesma, a natureza exige de nós um novo imperativo ético e uma nova reflexão ontológica.

No nosso entender, este valor ético tem um fundamento metafísico e cósmico, porque o Universo é manifestação e presença da criação divina, pelo que todos os seres têm igual dignidade de acordo com o seu grau de ser. Defendemos uma ecologia integral de defesa do meio ambiente natural e social, inclusiva das periferias geográficas e existenciais. É tarefa da ecologia promover uma justa distribuição dos bens, promovendo a interdependência e solidariedade entre os povos. Uma moral ecológica é uma moral de solidariedade, no reconhecimento de que os bens da terra são propriedade comum de todos os seus habitantes e no reconhecimento de que sendo limitados e escassos têm de ser administrados e distribuídos com critérios de justiça. Quando a natureza é concebida apenas como objeto de lucro e interesse e quando se defende o arbítrio do mais forte, promove-se a rutura com o ideal de harmonia, justiça e fraternidade, e favorece-se a desigualdade, injustiça e violência, em que os recursos se tornam propriedade exclusiva daqueles que têm poder para os possuir e dominar.

Os Estados devem estimular, ordenar, suprimir e completar o que falta na ação de cada individuo ou entidade com vista ao cuidado da nossa casa natural e social. A proteção do meio ambiente deve estar integrada no processo de desenvolvimento económico, porque as feridas sociais ao nível da solidariedade e da amizade cívica também provocam danos no ambiente e na qualidade de vida humana. A ecologia social deve ir desde a família até à comunidade local e à nação, para regular as

⁶ Hans Jonas, *El principio de responsabilidad: ensayo de una ética para a civilización tecnológica*, trad. de Javier Fernández Retenaga (Barcelona: Herder Editorial, 1995), 32.

relações humanas e evitar a perda de liberdade, a injustiça, a violência e a ineficácia da legislação relativa à preservação do meio ambiente. Só nesse equilíbrio é possível minimizar, por exemplo, as ações ilegais de abate das florestas tropicais para plantação de campos de soja, como acontece no Brasil, ou para a exploração de óleo de palma, como acontece na Guiné-Bissau ou no Bornéu. É necessária uma ordem jurídica que proclame os direitos e deveres de cada cidadão no âmbito do sistema de valores ecológicos reconhecidos. É necessário desenvolver um sistema normativo que estabeleça limites ao desenvolvimento técnico-económico e assegure a proteção dos ecossistemas e a liberdade e justiça dos ambientes humanos. A política deve incluir uma ética ambiental e não pode continuar a submeter-se à tecnologia e à finança, prevalecendo o interesse económico de alguns em relação ao bem comum. A ecologia não se pode reduzir a ações filantrópicas isoladas, mas exige medidas políticas estruturais que contribuam para a mudanças dos hábitos sociais nocivos ao equilíbrio ambiental e à justiça social.

1.4. Concerto Ecomusical com o grupo La Barca*



Fig. 19a – Concerto de La Barca (fotografia da CMA).

* Texto de Emilia Vizcaíno.



Fig. 19b – Concerto de La Barca (fotografia da CMA).

No dia 24 de maio de 2024, apresentamos, com o nosso grupo La Barca (Rui Filipe, Mili Vizcaíno e Cristóbal Sánchez) o nosso segundo álbum, chamado “Verde mi Sangre, Rojo tus Hojas”, resultado de dois anos e meio pesquisando, compondo, poetizando e colaborando com naturalistas de Espanha e Portugal para a defesa da biodiversidade. Neste trabalho, o “eu” dissolve-se no “nós”, envolvendo mais do que humanos, dando voz a abelhas, rios, árvores, pássaros, aranhas, lobos, ervas... levando-nos pela mão a descobrir a beleza dos seres e dos ecossistemas, os nossos desafios ambientais e algumas reflexões que nos levam a sentir um pouco mais fundo que “nós” somos a própria Natureza.

A partir de uma estreita relação com a Serra de Montejunto, Rui Filipe e eu tínhamos decidido criar um modelo de ecofestival para este território carregado de histórias fascinantes, tanto naturais quanto culturais. Para tal, reunimos uma equipa entre as artes e as ciências com a qual desenhamos a programação do evento. Ao mesmo tempo, estávamos a trabalhar na produção de “Verde mi Sangre, Rojo tus Hojas”, e decidimos partilhar este repertório durante o ecofestival, no bonito anfiteatro do cimo

da Serra, entre as majestosas árvores que ali habitam. A Serra de Montejunto, de facto, encontra-se dentro do disco, concretamente na canção “La Copla del Pájaro”, dedicada aos centros de recuperação de fauna selvagem, a partir da experiência de voluntariado de três meses que fizera no CRASM (Centro de Recuperação de Animais Selvagens de Montejunto). Para nós, a Serra de Montejunto tem significado aprendizagem, abrigo e inspiração, pelo que decidimos começar o ecofestival com um concerto da banda, acompanhado pela sinfonia de ventos, árvores e pássaros que costuma enfeitar este espaço sagrado que a Serra é, uma paisagem sonora à qual devemos prestar atenção para a preservar, especialmente nesta zona em que o ruído cada vez toma mais conta do lugar, com passagem de motas e ajuntamentos de muitas pessoas. Para propiciar uma paisagem sonora saudável nesta zona, é importante que qualquer evento que se faça ali, tenha uma limitação de volume, favorecendo assim um som democrático em que todos os seres possam comunicar-se no tempo e no espaço de que precisam para sobreviver.

Inspirando-se nas múltiplas vivências do monte, Emilia Vizcaíno compôs o seguinte poema e cantou-o pela primeira vez no Ecofestival:

NO MONTE

Há no monte vestígios de outras respirações,
a pedra vestida de musgo e orvalho recita as lendas
que o povo viveu, criou, sonhou, amou.

Há no cimo ilustres borboletas,
orquídeas que tremem no ventre do tempo, na primavera,
dançando com o vento, dançando com o vento.

Larga é a alma que abraça o luar,
abre caminho lançando um sinal,
dorme o relógio no berço do mar
em cartografias de tempo e de cal.

Riem no chão as rosas albardeiras
lembrando as histórias que contam os homens

da lua cheia, também das estrelas
que andam com ela, que andam com ela.
Águia cobreira, açor, gavião,
Mocho galego, andorinha real,
Sapo, morcego, raposa, leirão
Em cartografias de tempo e de cal,
De cal, de cal, ai, de cal.

CAPÍTULO SEGUNDO

AGRICULTURA SUSTENTÁVEL PARA UMA ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL

2.1. A cura do bosque na “cabana do lenhador”*



Fig. 20 – Abertura do Ecofestival por Emilia Vizcaíno
com o painel sobre Moinhos de vento (fotografia de Maria Ilhéu).

O primeiro painel do Ecofestival teve como tema os «ventos e os moinhos» na abordagem de uma das práticas agrícolas mais importantes da região oeste durante os séculos XIX e XX: o cultivo de cereais e a sua

* Texto de Samuel Dimas.

moagem. Começamos por fazer uma experiência imersiva no bosque de castanheiros e cedros em que está a cabana do lenhador, ouvindo o som do silêncio por alguns segundos. Invocando uma obra de arte intitulada «O bosque da cura» de Elsa Wellenkamp que realizou uma exposição na Biblioteca do Cadaval em Abril de 2024 com o título «Para lá da origem – recomenços», declamei o poema «cura» que realizara em diálogo com essa pintura.

Cura

Cura as tuas inquietações
com as inquietações da luz
que penetram a penumbra do bosque
com a clarividência do olhar e das representações,

mas não te deixes iludir:
a cura não vem da reação molecular das folhas
nem da absorção dos nutrientes pelas raízes.

O fogo das copas deixado pelo calor do verão
já começou a sangrar para dentro da terra
mas essa retenção de carbono não será suficiente
para te salvar.

Terás de regressar ao interior das imagens
e abandonar no silêncio as tuas mãos
para que te sintas liberto
das certezas e das soluções.



Fig. 21 – Apresentação dos participantes na roda de conversa, com presença do vereador da C.M.A Paulo Franco (fotografia de Maria Ilhéu).

Estamos no coração do monte, sagrado, protegido da erosão do mal e da separação dos elementos. O centro abrigado do sal e do sol criou um bosque fresco de azinheiras e loureiros, carvalhos e sobreiros. Árvores sagradas, protegidas do fogo e dos espíritos malignos. Estamos no centro da manifestação divina com sentimentos arcaicos e saudosos de plenitude.

Na vivência afetiva do monte, Deus manifesta-se nas pedras, nas árvores e nas flores. Nos narcisos em formas de Sol, nas peónias quaresmais e no alecrim perfumado. Ligamo-nos ao transcendente que é imane e que nos arrebatava por inteiro. Uma Presença divina que encerra uma ausência. Por isso, exige a liturgia do regresso. A ausência divina nessa presença incandescente mantém o desejo e preserva a esperança no Infinito. O horizonte de Deus nunca se esgota, a fonte nunca seca e a água nunca sacia a nossa sede. Nada acaba. A água deste centro sagrado é alimentada pela fonte do mar infinito. Purificada nas entranhas da terra, a nascente.

2.2. Sobre a agroecologia com João Vieira, guardião das sementes antigas*



Fig. 22 – Roda de conversa com João Vieira o guardião de sementes
(fotografia de Maria Ilhéu).

O diálogo com o senhor João Vieira, guardião das sementes, foi feito a partir de duas perguntas fundamentais: «Que papel tem desempenhado na sociedade portuguesa como guardião das sementes e como entusiasta da agroecologia?»; «O que distingue as variedades crioulas das sementes de trigo, como barbela, maçaruco, angelino, preto-amarelo ou grão-de-bico negro, das outras variedades?». Estas variedades ainda eram usadas no tempo de juventude do meu pai, nomeadamente no terreno em frente da nossa casa. Fui muitas vezes com ele recolher fardos de palha para os animais em debulhadoras que no Verão trabalhavam por vários locais do Concelho do Cadaval. O trigo viria a ser substituído pelas vinhas, pelos batatais e pelos pomares de pera rocha.

Quando nos encontrámos pela primeira vez no Bar da Serra, confidenciou-me que tinha uma missão e pedi-lhe que a partilhasse com todos nesta roda de conversa. Respondeu que era a missão de dar um contributo para despertar consciências à volta da problemática das

* Texto de Samuel Dimas.

sementes, de um modo geral, e dos cereais em particular. Começou por recordar que nos últimos anos as sementes foram modificadas e patenteadas, no que é conhecido por sementes geneticamente modificadas. Explicou que o trigo não foi geneticamente modificado, porque não foi incorporado o gene de outra planta, ao contrário dos milhoes, por exemplo, mas foi modificado através de um sistema de nanificação. E assim afirmou com uma solene advertência:

«Os trigos modernos são todos anões; os antigos são trigos de palha alta que nesta altura do ano ondulam ao sabor do vento norte, e para mim é uma delícia ver aquele balé de espigas enquanto que numa seara de trigo modificado ele não ondula porque não tem altura para isso. Mas, pior do que não ondular, é que os trigos modernos, com a modificação que lhe fizeram, têm excesso de glúten que está a prejudicar a saúde das pessoas».

Depois continuou a sua exposição, aconselhando que este assunto fizesse parte do curso de medicina, para que a resposta dos médicos às pessoas que aparecem com problemas derivados do excesso de glúten, não seja a de deixar de comer pão. Todos podem comer pão, incluindo os intolerantes ao glúten, os diabéticos e os celíacos, mas com a condição de ser um pão de trigo antigo, em particular do trigo barbela.

Questionei, mas há outros trigos antigos, porquê o barbela? Respondeu que o barbela é um trigo mole. Os trigos rijos servem para fazer as massas alimentícias, as bases das pizas, das tartes, porque são trigos com um alto teor de gelatina. Mas para pão e bolos tem que ser um trigo mole, como o barbela, planta que, para além disso, resiste facilmente em terrenos com menor aptidão agrícola como aqueles que vão pelas charnecas da ponta de Montejunto até à Lourinhã, passando pelos Campelos. Ou seja, terrenos arenosos e delgados onde agora estão plantados os eucaliptos. Antes dos eucaliptos, semeámos lá trigo. Tudo se alterou no pressuposto político de que é mais económico importar do que produzir.

O problema dos trigos importados reside no facto de serem produzidos de forma trágica, porque são utilizados no seu cultivo produtos como o glifosato, que é cancerígeno. Para se aumentar a produção industrial, duas semanas antes de serem ceifados, são pulverizados de avião com este herbicida. O glúten que temos hoje nas nossas farinhas é resultado desta forma massificada de cultivo. Os trigos modificados têm um teor de glúten muito mais elevado do que os trigos antigos e, por isso, também são maus para controlar a diabetes. Os trigos antigos são mais ricos do ponto de vista agroeconómico, ecológico, nutricional e terapêutico:

«E para quem adota a agroecologia, como é o meu caso, nos trigos antigos não é preciso pôr herbicida para matar a erva. Se quiserem tirar fotografia nas minhas searas, são searas de trigo com as flores silvestres desta época. Vamos lá ver, o trigo, como é mais alto do que a erva, a erva neste caso não afeta. Mas se for o trigo rasteiro ou anão já não é assim, tem de levar herbicida, senão a erva vai comprometer o resultado da seara no final».



Fig. 23 – Diálogo com João Vieira sobre agroecologia (fotografia de Maria Ilhéu).

Para além disso, essa erva vai permitir alimentar a vida de todo o ecossistema das searas, nomeadamente, irá estrumar o terreno depois da colheita. O trigo barbela não necessita desse tratamento, porque mantém vivo o ecossistema, e não provoca a contaminação da água. O

senhor João Vieira tem vários trigos antigos, como por exemplo, o Khorasan da antiga Babilônia e o Rouge de Bordeaux, mas já não tem os trigos portugueses comuns na Extremadura, como o preto-amarelo, o maçaruco, o angelino e o grão-de-bico negro. Estes últimos extinguiram-se e restou o barbela. As farinhas de hoje, para além de terem o problema do excesso de glúten, são farinhas muito refinadas. Na preparação do pão, deve-se usar uma peneira de malha larga, que retira o farelo mais grosso e alguma palhinha que eventualmente tenha, mas que não deixe passar o rolão. Obtêm-se assim um pão escuro, muito rico em nutrientes.

O senhor João Vieira semeia a variedade barbela, que se desenvolve bem em terrenos arenosos e pouco ricos em nutrientes, ceifa e faz a debulha com a sua própria maquinaria e, por fim, faz a moagem em mó de pedra, para que o trigo não perca as suas propriedades. Diz ter conseguido controlar a diabetes desde que começou a alimentar-se apenas de pão feito com trigo barbela.

Sementes antigas

O moleiro de Montejunto
usa a arte do vento sul e do vento norte
para a moagem das sementes antigas.

Da mistura entre cereais moles e duros produz
uma farinha atlântica e mediterrânica,
um pão raro, calcário e marítimo
amassado com a água do monte
e o sal do mar

com o calor das mãos
e o fermento do sacrifício.



Fig. 24 – Tertúlia sobre sementes antigas (fotografia de Maria Ilhéu).

2.3. A “arte no vento” com o mestre moleiro Miguel Luís Nobre*



Fig. 25a – Imagem do Moinho de Avis (fotografia de Carla Gomes).

* Texto de Samuel Dimas.



Fig. 25b – Miguel Luís no seu Moinho de Avis (fotografia de Maria Ilhéu).

Também tínhamos feito o convite ao moleiro Miguel Luís Nobre e preparámos o diálogo a partir das seguintes perguntas: «De que forma tem contribuído para a preservação do património nacional dos moinhos de vento»; «Qual a função do seu moinho de Avis na cultura do Concelho do Cadaval?». Por razões de saúde não pôde estar presente, mas registámos o seu testemunho numa entrevista que fizéramos durante ecore-sidência numa visita ao seu moinho construído numa crista do monte, por cima do Pereiro e do Avenal, que está exposta aos ventos sul e aos ventos norte das Berlengas.

Contou-nos o seu trabalho de restauro de moinhos no continente e ilhas, evidenciando que esta região do Oeste possui a maior concentração de moinhos na parte ocidental da Península Ibérica. Todas estas terras, agora plantadas com vinhas e pomares de pera rocha, eram abundantemente cultivadas com cereal de sequeiro, essencialmente trigo e milho. A mó de milho é feita de arenito e é mais rija que a mó do trigo. Entre cada mó é dado o espaço da grossura de uma folha de papel, no qual o cereal é triturado sem ser queimado. A picagem da mó no pri-

meiro terço é mais grosseira, para receber o cereal, no segundo terço essa picagem já é menos rugosa e no último terço a pedra é praticamente polida onde se apura a farinha.

Explicou-nos que recebe no seu espaço a visita de estudantes para conhecerem o modo tradicional da moagem do trigo. Tem uma parceria com a Escola de Hotelaria e Turismo de Caldas da Rainha e uma das atividades dos alunos que fazem a formação de padaria é a visita ao moinho de Avis, construído em 1810, herdado do seu pai e restaurado por si em 2008. A moagem artesanal em mó de pedra exige que o moleiro conheça bem a força dos ventos e saiba regular as velas, protegendo-as das tempestades. O vento é uma energia que não se extingue, não há falta de vento, embora a sua força seja hoje mais inconstante e não permita uma previsão tão aproximada do seu tempo de duração nas diferentes fases do dia. Em diversas madeiras que constituem a estrutura e o mecanismo de moagem no interior do moinho aparece gravada a frase «Arte ao vento», numa alusão a um domínio tecnológico ancestral que tem na força dos braços do moleiro e na inteligência do seu olhar a principal garantia de processamento de uma matéria sagrada para a nossa sobrevivência.



Fig. 26 – Conversa com Miguel Luís no interior do Moinho de Avis – cobertura para «Montejunto à Vista» (fotografia de Carla Gomes).

Misturando na dose certa trigos moles sob a influência da maresia do Atlântico e trigos rijos típicos do calor do norte de África e do Mediterrâneo, cultivados na encosta húmida do Concelho do Cadaval, a norte, e na encosta seca do Concelho de Alenquer, a sul, consegue lotes de farinha muito apreciados pelos chefes de cozinha nacionais e internacionais que lhe fazem encomendas regulares. A mistura do trigo mole barbela, de solos mais fracos de areia, onde predominam agora os eucaliptais, com o trigo rijo preto-amarelo, de solos mais fortes de barro, onde predominam os pomares, faz uma farinha de excelência com baixo teor de glúten que o nosso organismo reconhece de forma saudável como herança dos nossos pais e avós.

Contou-nos com orgulho que ganhou uma medalha de ouro num concurso de farinhas realizado em Itália, que tinha como condição utilizar farinhas antigas autóctones, moídas em moinhos de vento ou de água, e tinha como objetivo premiar o pão mais nutricional do mundo. A mesma equipa de padeiros que ganhou esse prémio já o voltou a contactar para um concurso idêntico a realizar-se em Portugal.



Fig. 27 – Moleiro Miguel Luís Nobre no interior do moinho (fotografia de Maria Ilhéu).

2.4. Ana Barroso com Rui Filipe no cântico da natureza



Fig. 28 – Atuação de Ana Barroso com acompanhamento ao piano de Rui Filipe
(fotografia de Maria Ilhéu).

Depois da entrevista ao Senhor João Vieira, o painel encerrou com a declamação do poema «sementes antigas» e com o concerto de Ana Barroso acompanhada ao piano por Rui Filipe. Apresentou belas canções compostas a partir da experiência no campo na relação com os bosques e as árvores de fruto e deixou-nos o seguinte testemunho:

«A música que canto e faço fala do meu universo, interior e exterior, povoado dos elementos e do mundo natural.

Muitas das minhas canções falam do sol, do vento, dos rios, da lua, da Vida.

No meio da floresta do Montejunto pudemos oferecer e receber.

As árvores, os pássaros, a Mãe-Terra, o Pai-Céu e os participantes escutaram e cantaram. Todos comungámos da alegria da nossa pequenez ante a grandeza do cenário.

Os últimos raios de sol ao entardecer, quais braços de quentura, passavam pelo verde manto das altas árvores, o silêncio apenas interrompido pelo canto, nosso e das aves. Aquele lugar mágico acolheu-nos, num instante-eterno de paz e connosco cantou a mesma canção. A canção de que todos somos Um.

Já não sei se fui eu quem cantou na Natureza ou se foi ela que cantou em mim...»

(Ana Barroso)

II PARTE

ÁGUA

MAR DE NÉVOAS



Fig. 29 – Mar de névoas no monte, a partir do Casal do Muro Relôa (fotografia de Samuel Dimas).



CAPÍTULO TERCEIRO

NO PATRIMÓNIO DA SERRA DAS NEVES PARA A IDENTIDADE CULTURAL

3.1. A Fábrica da Neve e a nossa identidade cultural*



Fig. 30 – Edifício dos silos de conservação do gelo (fotografia de Luísa Borges).

A reabilitação da Fábrica da Neve é uma referência de boas práticas no plano da ecologia cultural. Para além do património natural também se encontra ameaçado o património histórico, artístico e cultural que faz a identidade de um povo, de uma região e da própria humanidade no seu todo. É comum a negligência na preservação dos nossos bens culturais em detrimento de valores economicistas ou de valores políticos relacio-

* Texto de Samuel Dimas.

nados com as nossas necessidades mais básicas como a alimentação, habitação e a saúde. Mas sem a criação cultural, a vida humana perde o seu sentido espiritual e fica reduzida ao plano biológico da sobrevivência. Também nos humanizamos na contemplação das nossas criações arquitetónicas que são expressão do nosso desenvolvimento cultural, seja no plano habitacional, industrial ou religioso. Quanto mais valor artístico tiverem mais nos elevam espiritualmente.

Andava no terceiro ciclo da Escola Secundária do Cadaval quando conheci a Fábrica da Neve da Quinta da Serra. Integrei uma das muitas expedições a esse complexo em ruínas, tomadas pelo mato, sob a liderança do nosso professor de história José Manuel Veríssimo que nos envolvia em atividades extra-curriculares na exploração dos tesouros do Concelho. O Carlos Ribeiro, que hoje nos guia na desvelação dos seus segredos, pertencia ao grupo dos mais velhos e liderava a exploração. A nossa mente iluminava-se com o reconhecimento da arte e da técnica dos nossos antepassados.

Iniciação

Iniciámo-nos na exploração das ruínas da Fábrica da Neve
como quem atravessa a adolescência
na descoberta de sonhos e na experimentação de novos limites.

Os poços guardavam segredos que só nós conhecíamos
e expunham perigos que não imaginávamos,

recolhíamos inscrições enigmáticas
com a agilidade de heróis
e escondíamos os seus poderes sombrios
no cofre das consciências,

a luz de novos horizontes
trazia sombras que se misturavam nos corpos
e impediam a lucidez

perdíamos a inocência no fascínio dos novos trilhos
desconhecendo o impacto
dessa dor na carne e no espírito,
mas prosseguíamos corajosamente
fazendo da quinta da serra
o derradeiro refúgio.

Nessa fábrica de sonhos
congelamos alguns medos e muitas esperanças
que cada Verão vai expondo
nas arestas agudas do calcário
e nos reservatórios quânticos da mente,

guardámos o hábito do questionamento
e o impulso da procura
que cada fogo vai desvelando
na memória perene do sentimento

tornámo-nos mais naquilo que somos
divinos e humanos
excelsos e vulneráveis.

No meio do entulho de um dos silos de armazenamento, encontramos alguns pedaços da lápide com a inscrição a identificar o proprietário da fábrica, como quem descobre partes do tesouro da nossa identidade cultural. O Museu Municipal de Torres Vedras acolheu e preservou esse achado durante muitos anos, e visitei-o algumas vezes para não me esquecer da importância da escola na realização livre da nossa humanidade. Visitei a fábrica muitas vezes para não me esquecer do valor do conhecimento no alcance da nossa liberdade e na realização dos nossos sonhos. A graça da libertação compensa a dor provocada pelo conhecimento na rutura com as crenças supersticiosas e no discernimento entre ciência e ideologia. Hoje, a lápide com o nome do galego Julião Pereira de Castro, reposteiro e neveiro da Casa Real, e com o ano

de 1782 em que adquiriu e reedificou a fábrica, pode ser lida e admirada no seu local de origem, não apenas como expressão da atividade mercantil e manufatureira do iluminismo europeu, mas como símbolo da relação de harmonia entre o ser humano e a natureza na criação cultural de soluções para uma melhor qualidade de vida. O regresso da inscrição original à Fábrica também se ficou a dever às diligências do Carlos Ribeiro que dedicou a sua vida a esta causa e vê hoje realizado o sonho da requalificação e dignificação de um espaço nobre e esplendoroso do nosso património cultural nacional e europeu.



Fig. 31 – Carlos Ribeiro no interior da fábrica (fotografia de Maria Ilhéu).

3.2. A exuberância luxuosa de uma fábrica*



Fig. 32 – Geleiras no complexo da fábrica (fotografia de Carla Gomes).

A Fábrica da Neve representa a técnica ao serviço do ser humano sem destruir o equilíbrio natural. Sem os desenvolvidos sistemas de refrigeração que hoje conhecemos e ainda antes dos efeitos das alterações climáticas provocadas pelo aquecimento global, o gelo produzido nas noites frias de inverno nas geleiras da Quinta da Serra proporcionava

* Texto de Samuel Dimas.

aos membros da família real o luxo da conservação dos alimentos sem salgadores e o luxo de hábitos alimentares importados de outros países europeus com a confeitaria de sorvetes e bebidas frias. Exatamente dois séculos depois, esse privilégio ainda não tinha chegado à casa dos meus avós que depois da matança do porco conservavam a carne no sal e no fumeiro e mantinham a temperatura da água em bilhas de barro.

Num mundo centrado na voragem de produzir muito em pouco tempo com os mínimos custos para otimizar o lucro, a arte luxuosa começou a adquirir uma conotação negativa e a exuberância do belo passou a ficar relegada para os excêntricos de muitas posses. A nossa vida ficou reduzida à lógica da sobrevivência, sob a imposição do trabalho e do desempenho, perdendo-se a intensidade da vida gravada na paciência com que se construíam os castelos, os palácios e as catedrais, os aquedutos, as pontes e as casas. O vagar proporcionava o esplendor do belo, embora saibamos que essas construções se fizessem com a exploração de mão-de-obra barata ou escrava. Mas o que quero aqui realçar é que, tal como podemos verificar na arquitetura da Fábrica da Neve, não havia apenas uma preocupação utilitarista na construção dos edifícios. Todas as construções importantes eram feitas com cuidado estético, revelando a disposição contemplativa dos seus arquitetos. A Fábrica da Neve não é uma obra apenas funcional, é uma obra de arte cuja contemplação nos reenvia para uma vivência mais essencial de nós e daquilo que nos rodeia. A sua presença harmoniosa no meio do bosque endêmico é uma presença ornamental que a eleva acima de um mero objetivo utilitarista. E por isso, fazemos festa em seu redor, celebramos a sua presença nos dias de descanso com a família e os amigos. É um espaço festivo e luxuoso que já não serve para nada senão para a contemplação e que nos atrai, porque nos reenvia para o mais precioso de nós. É um espaço cultural improdutivo, criação do espírito humano que nos inicia na libertação dos lugares utilitários e das condições de sobrevivência para os lugares mais recônditos e profundos da nossa natureza contemplativa.

As matas da Fábrica da Neve são lugares de excesso e exuberância que nos convidam ao luxo de passeios vagarosos sem a pressa do desempenho. Libertam a nossa alma para paisagens de incerteza e o nosso corpo para rituais que esperam o intemporal. O silêncio misterioso deste lugar derruba-nos, transforma-nos e demora-nos na experiência intensa de ser. Convoca-nos a uma respiração longa e a um lento amadurecer das nossas vivências interiores. A sua riqueza apenas se revela à atenção contemplativa, mas a sua condição improvável e inaudita também nos interpela e inicia no exercício não evidente dessa peregrinação interior. A vontade e a reflexão baixam o batimento para que o sentimento ajude a desvelar aquilo que somos e nos ressitue no verdadeiro sentido da existência. É estranho verificar que a lógica usada na construção dos lugares sagrados, como o convento dominicano e a capelinha da Senhora das Neves, também se possa encontrar numa fábrica. Um lugar esplendoroso de verdade e beleza que nos introduz no mistério da vida. Uma criação humana que ganhou um brilho próprio para além da intenção dos seus construtores. Um lugar de repouso em harmonia com a natureza que desafia as lógicas do antropoceno e nos reenvia para a nossa condição primordial.

Depois do ritmo cinzento de uma semana de trabalho, as pessoas deslocam-se no dia de descanso para conviverem luxuosamente e festivamente ao redor deste espaço solene, na mata fresca dos castanheiros, cuja contida exuberância eleva a vida da transitoriedade e precaridade para a esperança da imortalidade. Deslocam-se para uma rara vivência poética de si mesmas e do cosmos, na qual se pressente o mistério do ser divino que tudo habita.

Humanização

Resta-me louvar
o ser de todas as coisas
a abundância de todos os acontecimentos
e a intemporalidade de todos os desejos
para justificar a minha existência

e satisfazer a saudade de plenitude
que me habita

Resta-me contemplar
a exuberância festiva da vida
o esplendor solene dos dias
e o brilho resplandecente das noites
para curar a angústia
e pernoitar a felicidade

Resta-me a solenidade do ócio
o ritmo luxuoso do amor
a celebração intensa da gratuidade
e a promessa renovada da confiança
para esperar vagarosamente a imortalidade
que me desafia

Resta-me uma respiração profunda
para me tornar no que sou
humanamente divino
e divinamente humano
mistério que nenhum livro
me revelou
e que apenas pressinto
no louvor da poesia

3.3. Polo de desenvolvimento industrial e social*



Fig. 33 – Fachada da fábrica onde o gelo era armazenado e preparado para a expedição (fotografia de Luísa Borges).

* Texto de Samuel Dimas.

Esta fábrica também proporcionava uma melhor qualidade de vida aos habitantes da aldeia de Pragança que, por via desse trabalho, conseguiam rendimentos não alcançáveis na parca agricultura de subsistência e na rudimentar criação de gado. Não consigo esquecer a metáfora: uma fábrica de trabalho sazonal e de madrugadas incertas que chamava os trabalhadores ao toque de corneta pelas ruas da aldeia no movimento apressado de um cavalo. Os homens e as mulheres subiam o monte, aquecidos pela esperança de mais algum rendimento que não vinha da terra, mas do céu. Não vinha da água em estado líquido que fazia crescer as plantas e mover as azenhas, mas da água em estado sólido que conservava e curava por ação de uma espécie de milagre cósmico.

O seu labor permitia a viabilidade deste negócio privilegiado, entregue ao neveiro régio, um mercador que tinha a responsabilidade de minimizar os riscos da atividade associados à natureza efémera do produto que era particularmente sensível às circunstâncias climáticas e aos erros de cálculo na conservação e transporte. Era dada a máxima atenção a bestas e barcos para garantirem o serviço de preservação de um produto que também tinha aplicação medicinal, nomeadamente no receituário de febres. Não consigo esquecer a metáfora: uma fábrica de gelo para reis e rainhas, príncipes e princesas, artífices e mercadores, médicos e entidades assistenciais, produto tão efémero como precioso da era industrial. Conceber a serra de Montejunto como um dos polos mais significativos do desenvolvimento industrial e social português dos séculos XVIII e XIX não tem origem na fantasia do génio da palavra, mas sim na criatividade do génio da manufatura.

Saibamos nós preservar este exemplar único do comércio da manufatura do gelo natural como metáfora das nossas vidas que persistem em resistir ao seu carácter efémero na memória das suas criações culturais passadas e na esperança de recriações espirituais futuras.

Memória

O frio não congela as metáforas
para que as guarde
as caleiras alimentam
a palavra
com a mesma intensidade
da respiração

o circuito do corpo
passa por dentro da terra
e inunda o silêncio
com a mesma frequência
da torrente

não podemos deter a memória
que se infiltra nas geleiras
da travessia
e contamina o futuro.



CAPÍTULO QUARTO

NO FLUXO DAS ÁGUAS PARA A VIDA DO TERRITÓRIO

4.1. A água da Fábrica da Neve e do ouvido do mar*



Fig. 34 – Roda de conversa sobre a água de Montejunto, com Maria Ilhéu, Carla Gomes, Paulo Marques, Emanuel Carvalho, Carlos Ribeiro e a presença do Vice-presidente da CMC Dinis Acácio Duarte (fotografia de Samuel Dimas).

Onde está a água no Monte? Sabemos que nascem muitos rios e ribeiras no Monte e com certeza que encontramos esses fluxos lá mais abaixo, mas aqui em cima, à exceção da lagoa do Ouvido do Mar, não vemos essa

* Texto de Maria Ilhéu e Carla Gomes.

água. Explica o Emanuel de Carvalho, que estamos numa zona cársica, onde predominam rochas carbonatadas, fissuradas, e toda a água que cai sobre o Monte, depois infiltra-se, e à superfície deixa de haver água. Isto é uma regra das chamadas zonas cársicas, mas como todas as regras, existem exceções, e temos um poço aqui na Quinta da Serra que tem água todo o ano e que serviu durante muito tempo para fazer o gelo na fábrica e, depois, para abastecer a base aérea, o que comprova a existência de um nível freático alto.

As rochas carbonatadas sofrem a erosão pela água da chuva, carregada de anidrido carbónico, que dissolve a rocha, e depois vai criar ocos no maciço, e é por aí que a água circula. Um dos produtos da dissolução do calcário são os silicatos de ferro que normalmente se depositam em zonas baixas, como é o caso aqui desta depressão: essa argila é impermeável, criando aí um nível freático. Já tentaram fazer aqui furos de água para abastecimento local, mas não conseguiram, porque apanhavam ocos, ou fossas que não tinham água em quantidade suficiente. Ou seja, só nestas zonas baixas da Quinta da Serra, esta aqui da fábrica e outra ali adjacente, que se chama de ouvido do mar, podemos encontrar concentração de água, porque têm uma base de argila que é impermeável.

4.2. A água das nascentes e ribeiras, das grutas e das névoas*



Fig. 35 – No “fluxo das águas”, com a companhia de dança Amalgama (fotografia de Maria Ilhéu).

Só podemos encontrar a águas nas nascentes: nascem vários rios no Monte, como é caso do chamado Rio Real, que é abastecido pela água da chuva que cai na Serra de Montejunto que funciona como uma esponja. Toda a água da chuva passa para níveis inferiores a partir dos quais vai abastecer as ribeiras e rios. Em Pragança, temos uma nascente perene com alguma capacidade que alimentava três moinhos de água, e que ainda podem ser encontrados, embora em ruínas. Para além da ribeira de Pragança, mais a sul, encontramos a nascente do rio Alcabrichel, que também sai do grés, mas com água que vem daqui da serra.

Do outro lado em Cabanas de Torres a nascente da ribeira da Ota, que funciona como uma espécie de sifão: a água vai subindo e quando

* Texto de Maria Ilhéu e Carla Gomes.

vence o sifão, corre rapidamente empurrando o ar na sua frente, até que chega à superfície e rebenta, como se fosse um tiro de canhão. A água dessa ribeira, durante o Verão, infiltra-se e desaparece no leito. Este curso de água abastece os importantes furos da Ota e de Alenquer, fazendo parte da rede de abastecimentos de Lisboa. Continuando mais para o norte, temos uma ou outra pequena nascente ali na zona da Abrigada, também abastecida pela Serra. E do lado Oeste uma ribeira significativa que corre no Avenal e desce o Vilar, alimentado também um moinho de água mesmo no interior desse freguesia.

Na maioria dos algares e grutas da serra não se encontram grandes massas de água, apenas escorrências, mas essa água existe. Mesmo durante o Verão, o ar que vem carregado da água do Atlântico vai fixar-se na vegetação, pinga para o chão e vai fornecer algumas nascentes cársicas, como no caso da ribeira de Pragança. Trata-se da água que vem da névoa, chamada de precipitação oculta, que abastece os diferentes níveis freáticos. A este propósito, o senhor Emanuel contou que um dia encontrou na pedreira do Vale das Pedras em Rocha Forte, uma gruta em que corria um ribeiro. Seria depois tapada ilegalmente, impedindo-nos de explorar o que poderia ser um dos maiores sistemas de grutas deste maciço calcário.

Já posteriormente, ficou à vista num outro corte da parede da pedreira uma grande boca que nos reconduziu para uma gruta que neste momento tem um quilómetro de galerias topografadas e pela qual corre bastante água. Nos períodos de grande pluviosidade abastece toda a parte norte da serra, nomeadamente o rio Real, captando a água que se acumula mais acima na depressão das Fontainhas. Temos estes rios subterrâneos e temos estes rios aéreos, que são as névoas, numa dinâmica que não é visível, mas que alimenta os lençóis freáticos e com eles as ribeiras de superfície e os poços para consumo familiar e regadio. A cultura da cereja na vertente norte também é um bom bio-indicador do frio e da humidade que se faz nesta vertente da barreira de condensação.

4.3. A Ecologia das águas do Montejunto*



Fig. 36 – Lagoa “ouvido do mar” (fotografia de Maria Ilhéu).

Falar das águas do Montejunto é falar de relações, movimento, poesia e mistérios. É falar de uma ecologia que liga a vida com a sua transcendência.

As águas dançam entre reinos num movimento cíclico de encontros, trocas, inter-relações, transformações constantes. Na sua dança as águas (en)cantam tudo em que tocam. É também com o encantamento, primeiro modo de relação, que nos prendemos para chegar ao entendimento mais duradouro dos fenómenos que sustentam a vida⁷.

A serra de Montejunto é um maciço mineral cársico⁸ polvilhado de vida modelada por forças atmosféricas, geoquímicas e biológicas orquestradas por essa alquimia a que chamamos água. A água foi e é a protagonista dos fenómenos de erosão que ao longo do tempo desenharam

* Texto de Maria Ilhéu.

⁷ Ver Martyn Evans (2012). Wonder and the Clinical Encounter. *Theoretical Medicine and Bioethics* 33 (2) p.123.

⁸ Formações calcárias; ricas em carbonato de cálcio

a paisagem do Montejunto, que desde 1999 está classificada como Área Protegida (de âmbito regional) pelo seu extraordinário valor patrimonial.

Quando pensamos em água e em montanhas, montes ou serras, pensamos em rios. No entanto, de um modo geral, os territórios cársicos caracterizam-se pela ausência de cursos de água permanentes à superfície. Embora na serra de Montejunto se verifiquem médias anuais de precipitação que chegam a atingir os 1000 mm/ano, as águas pluviais escorrem rapidamente pelas encostas abaixo, ou então infiltram-se pelas numerosas fraturas e fendas da rocha calcária, até ao nível freático mais profundo, propiciando o aparecimento temporário de uma circulação hídrica subterrânea nas camadas mais superficiais. Deste modo, a serra de Montejunto funciona simultaneamente como centro de dispersão hidrográfica desta região e como zona de recarga dos aquíferos. Apesar de apresentar baixa disponibilidade de água superficial em estado líquido sobretudo nos pontos mais altos, a serra de Montejunto é abundante em rios aéreos e subterrâneos que se transmutam e cuja sua liquidez vemos emergir à superfície, em olhos e mães de água (insurgências) que afluem para cursos de água, visíveis sobretudo em cotas mais baixas da serra.

Ao longo do tempo, a erosão cársica causada pela ação das águas pluviais misturadas com o dióxido de carbono, resultou na dissolução de calcários, contribuindo para a formação de grutas e algares e dolinas, que a inspiram mitos e lendas. Um desses mitos é o Ouvido do Mar, que as gentes locais acreditavam ser uma lagoa com ligação ao mar. Na verdade, trata-se de uma dolina, uma depressão característica dos relevos cársticos. A sua formação deve-se à dissolução química das rochas calcárias abaixo da superfície. Geralmente apresenta forma circular com pouca profundidade de água.

Mas esta é ainda apenas uma parte da história da ecologia das águas do Montejunto...

As duas faces de Montejunto elevam-se entre o Atlântico e o Vale do Tejo; uma virada a noroeste e outra a sudeste. A vertente sudeste da serra, mais abrigada dos ventos atlânticos, é mais seca e quente e por isso

é dominada por arvoredos adaptados a menor disponibilidade de água à superfície como a azinheira (*Quercus rotundifolia*) e o carrasco (*Q. coccifera*). A vertente noroeste, húmida e mais fria, de influência oceânica, convive com ventos que transportam massas de ar húmidos que ao subirem estas encostas da serra, arrefecem com a diminuição de pressão e condensam no encontro com corpos de maior temperatura. Alguns são corpos de sobreiros, carvalhos portugueses, carrascos, loureiros, medronheiros entre tantos outros. É o arvoredado que agarra a neblina madrugadora e que rega e regala o solo sobretudo no verão, quando os rios aéreos são mais subtis. É por isso que se vêem os pinheiros-mansos a pingar nas manhãs de agosto na Quinta da Serra.

Nos principais cabeços da serra, a interação entre as neblinas e nevoeiros com as folhas e troncos das árvores e arbustos origina este fenómeno designado de precipitação oculta, disponibilizando água para muitos seres e criando condições para a ocorrência de uma fauna e flora muito particular, dos quais se destacam respetivamente o grilo-de-sela-capuchinho (*Pycnogaster cucullatus*) e a rosa albardeira (*Paeonia broteroi*).

O arvoredado do Montejunto desempenha um papel de grande relevância no ciclo da água e também na bombagem de correntes de vapor de água do oceano para o interior continental. A água resultante da precipitação, incluindo a oculta, é recolhida pelas árvores que posteriormente a devolve à atmosfera no seu processo de evapotranspiração criando um fluxo de vapor de água que se expande entre o arvoredado, sobe e condensa e forma chuva que é intercetada pelas árvores mais próximas, voltando a expandir-se para o interior continental e assim sucessivamente. Este fluxo cria-se à custa de correntes de ar criadas por diferenças de pressão atmosférica e pela presença de um contínuo arbóreo. É por isso que se diz que “plantar árvores é plantar água”.

Foram estas ecologias das águas do Montejunto a que nos aproximámos na Roda de Conversa junto à Fábrica da Neve, com o Paulo Marques, o Emanuel Carvalho, o Carlos Ribeiro e a Carla Madruga Gomes e com a dança “No fluxo das águas” com corpos humanos e

mais que humanos, magnificamente imaginada e interpretada pela Amálgama Companhia de Dança com a música do Rui Filipe.

P.S. Sempre que regresso ao Montejunto com o pensamento, asso-mo-me ao Ouvido do Mar, a dolina que canta os mistérios das águas com o coaxar das rãs.

4.4. A Criação *site specific* “No Fluxo das Águas”*



Fig. 37 – Dança no húmus dos castanheiros com Amalgama (fotografia de Maria Ilhéu).

“No Fluxo das Águas” foi uma criação específica para a mata da serra de Montejunto, junto à Real Fabrica do Gelo, no Eco Festival – Montejunto à Vista.

Esta participação no festival foi um convite de Rui Filipe Reis, compositor e músico com o qual trabalhamos há mais de 15 anos em criações sucessivas para espaços alternativos e em palco.

* Texto de Alexandra Battaglia. Amalgama Companhia de dança em colaboração com Rui Reis para o ECO Festival de Montejunto à Vista.

A Amalgama tem um trabalho contínuo no património e natureza viva e talvez seja a única companhia em Portugal que o faz regularmente através de uma metodologia que desenvolveu.

Neste sentido foi um prazer fazer parte deste festival que consideramos ser um festival fantástico e fundamental no século XXI, um novo tempo que necessariamente terá de rever os valores fundamentais da vida, ser sustentável e eco humano!!

Assim foi também mais um passo no nosso percurso de criações *site specific* através da metodologia de criação holística e sistémica *Movimento Amalgama*, no cruzamento interdisciplinar entre a música, o lugar e o corpo dançante e performativo.

Em termos de metodologia de trabalho é necessário numa primeira fase conhecer as características do espaço / natureza, temática se houver, e a partir dele desenrolar um guião orgânico sempre em diálogos e sinergias, que passam pela escuta dos sentidos e experimentação. E é sem dúvida um privilégio podermos criar diretamente, com, para e em lugares especiais da natureza como este pedaço de floresta em Montejunto que se apresenta de uma energia, de uma magia, de uma força vital, e de uma poesia que nos desafia e nos inspira. Para além de todo o património histórico que é este lugar, único em Portugal, que importa, honrar e preservar para o nosso conhecimento humano, é um lugar do património nacional histórico e natural. Nesta natureza profunda se faz um resgate da nossa própria natureza humana, este é um lugar fundamental para se escutar, preservar e perfeito para se implementar um Eco Festival. Que possa continuar, e contribuir para uma nova consciência eco humana, onde a arte terá certamente um papel fundamental no despertar e religar. Formando também novos públicos no sentido de uma verdadeira relação com os espaços vivos do planeta, portais para diversas dimensões de existência aos quais todos nós pertencemos.

Naquele espaço absolutamente mágico de natureza virgem onde os solos estão cobertos de húmus, folhas e ramos, pedras, matéria orgânica onde vivem milhares de animais que sustentam a vida da Terra, a companhia Amalgama, apresentou-se descalça e em contacto direto com esses

solos e com todos os habitantes dessa floresta, no meio dessas árvores que se dirigiam para o céu, onde os raios solares rompiam discretamente aquecendo o solo.

“No Fluxo dos Rios” veio também na sequência do trabalho que temos vindo a desenvolver ao longo de 2024 na temática da água, falamos numa aproximação às qualidades e características do elemento água, sejam elas poéticas ou ecológicas, de fluxo no corpo e no movimento, qualidades de ligação, resiliência, nutrição, vida, qualidade de escuta interior não só a água que corre das fontes mas também a água dos lagos, rios, e também a água dos mares, na sua força e na sua tempestade de vida.

Esta criação está na linha de eco – performance, *site specific*, meditativa e sensitiva, iniciada por corpos que estendem línguas de tecidos brancos como se fossem a própria água que corre nas veias interiores da Terra e que vão sustentando toda a vida, esses rios cruzam-se no espaço como as veias internas do nosso corpo, o fazem. Ao longo da estrutura coreográfica desenvolvem-se várias conexões assim como a água o faz, entre solos, duetos, momentos de conjunto, *lifts*, cardumes, diretamente no solo entre as árvores e com esses panos rios que vão testemunhando a expressão da água em cada ser cocriador dançante e no coletivo, criando uma estrutura coreográfica. Estes momentos de diferentes tónicas melódicas e dinâmicas musicais estão em profunda sintonia e diálogos conjuntos, numa só unidade entre si e o espaço. O grupo é o próprio fluxo da água nas suas diferentes qualidades e expressões, momentos em que as águas se separam e se voltam a unir assim como fazem na Terra, as águas percorrem e ligam tudo dentro e fora do nosso corpo, elas são vitais para a sustentação da vida. Assim como os bailarinos também o fazem, em permanente fluxo e transformação, até se envolverem profundamente nesses lençóis panos tecidos rios, onde os corpos se unem, se lavam mutuamente, se nutrem, abraçam, numa única rede aquática expressa pelos corpos dançantes.



Fig. 38 – Movimento dos corpos na floresta, com Amalgama (fotografia de Maria Ilhéu).

Normalmente o público não tem a mínima percepção da dificuldade que é a expressão dançante direta na natureza virgem, de corpos descalços que têm necessariamente que fazer uma adaptação profunda, de peso, força, impulsos, equilíbrios, movimentos, porque o piso de uma natureza virgem é um piso que oferece dificuldades, resistências e obstáculos constantes para o corpo dançante que precisa de se adaptar e precisa de sair de lugares confortáveis para verdadeiramente se conectar, precisa de criar simbioses, criar relações de comunicação, relações de simbiose e escuta de forma a fazer parte e não apenas estar em, é preciso sintonizar com o local, é preciso sintonizar com as frequências do local com todos os obstáculos e contornos que a própria natureza oferece. No caso da água e no caso desta qualidade aquática, fluida, há a necessidade de um trabalho prévio extremamente importante, a um descartar de intenções conceituais para que possa haver um resgate visceral do corpo, não basta ir à natureza, não basta estar natureza, mas há uma necessidade de trabalhar a natureza através de uma percepção mais profunda desses corpos que dominam as linguagens da dança, mas que precisam de se descartar também delas para poderem ser parte da natureza,

e a partir dessa sintonização estabelecer os diálogos orgânicos e naturais de uma criação que emerge dessa pertença estabelecida.

“No Fluxo das Águas” há todo um trabalho prévio profundo dentro de uma metodologia de dança ecologia com cerca de 10 anos que se aprofunda em lugares mágicos da natureza viva, como este em Montejunto. Bem Hajam.

III PARTE

TERRA

BOSQUES E MOURAS

ENCANTADAS



Fig. 39 – Carvalho do bosque endémico do Furadouro, na encosta sul do Monte
(fotografia de Samuel Dimas).



CAPÍTULO QUINTO

A ARTE COMO MANIFESTAÇÃO DA BELEZA DA NATUREZA E DA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA

5.1. Trilhos no monte por entre bosques, narcisos e giestas*



Fig. 40 – Roda de conversa sobre literatura, música e artes plásticas com Samuel Dimas, Iryna Tarasova, Isabel Rosa, Filipe Romão e Luísa Borges (fotografia de Maria Ilhéu).

No dia 25 de Maio realizou-se o painel com uma roda de conversa sobre literatura, música e artes plásticas sob o tema «Somos os lugares em que nascemos, habitamos e visitamos» com a presença de Luísa Borges, Filipe Romão, Isabel Rosa e Iryna Tarasova. Os convidados falaram da sua vivência na serra e do modo como essas experiências marcaram a sua forma de viver e a sua criatividade artística. A conversa foi alternada

* Texto de Samuel Dimas.

entre aqueles que habitam nos concelhos em que se situa a serra e aqueles que a visitam para fazer os seus trilhos, tendo sempre como horizonte a importância da conexão com a natureza.

Começamos com o testemunho de Isabel Rosa, natural da Tojeira, e com a declamação do seu poema «Montejunto»:

Geometria feminina
desenhada pelos deuses
ou por gestos ondulantes do vento
já abrigaste em teus seios
exuberante vida
enfraquecida pelo tempo
e por chamas de traição.
Mas ainda és
altar de preces e promessas
palco de romarias
testemunho da glória
de refrescar bocas sedentas
e sob a pele
inesgotável fonte da História.
Na limpidez das manhãs mais puras
renova-se o milagre do mundo a teus pés
e o espanto das águas.
Sob o olhar das estrelas
ganham alma ruínas e voos nocturnos
e nos sonhos dos meninos
cintilam tesouros.
Se a cidade que outrora refrescaste
pudesse recostar-se de mansinho nos teus seios
repousaria finalmente
e talvez te chamasse mãe.

Seguiu-se o testemunho da artista plástica Iryna Tarasova que vive no cadaval e que apresentou a sua arte em diálogo com as árvores e as plantas do monte. Fiz uns poemas que se inspiraram na sua pintura (neve) e ela fez uma pintura que se inspirou num poema que lhe dediquei após nos termos conhecido na serra e me ter confidenciado que o monte era a casa da sua alma. Fizemos juntos alguns trilhos e deu-me a conhecer algumas das suas amigas árvores e pedras.



Fig. 41 – Iryna Tarasova com a pintura da rosa albardeira, inspirada no poema “casa da minha alma” (fotografia de Maria Ilhéu).

A casa da minha alma

A casa da minha alma
tem orquídeas brancas
e narcisos em forma de sol.

Sento-me à sombra
dos loureiros e azinheiras

para esperar o encontro
dos pássaros

e juntar as palavras
que encontrei nos trilhos.

Misturo a luz das flores
com os silêncios do olhar
e o som dos nomes

que as sílabas disseram
nessa peregrinação.

No fim
acrescento a música
que vem dos ramos
e algumas bagas vermelhas.

Depois convido os amigos
e sirvo as cores
numa bandeja
de poemas.



Fig. 42 – Iryna Tarasova na companhia de Carla Gomes (fotografia de Maria Ilhéu).

Neve
A luz
das flores
que brilha no fim
do Outono
convida ao recolhimento,

antecipa na íris
a chegada cristalina
da neve

e reflete na retina
uma imagem pura
só visível
no silêncio

5.2. A “rosa albardeira” na poesia e na música*



Fig. 43 – Atuação do dueto Bea Nobre & Francisco Mascarenhas com a canção rosa do monte (fotografia de Carla Gomes).

A meio da roda de conversa deu-se a atuação do dueto Bea Nobre & Francisco Mascarenhas que compuseram uma música a partir de um poema inspirado numa caminhada no monte feita com a Emilia Vizcaino, a Maria Ilhéu e a Carla Gomes. Apresentamos as três etapas do

* Texto de Samuel Dimas.

processo de composição: o poema original, a proposta de canção a partir desse poema e a versão final de composição por parte dos autores da música, a partir da nossa proposta.

A «rosa albardeira» é uma espécie endêmica ibérica pertencente à família *Paeoniaceae* com o nome científico de *paenia broteroi*. Na mitologia grega, *Paieon* era o médico dos deuses e significa “o que cura a dor”, tendo sido transformado nesta planta para escapar à morte. O epíteto específico *broteri*, que significa “amigo dos mortais ou dos seres vivos”, foi criado em homenagem ao importante botânico e médico Félix da Silva Avelar Brotero (1744-1828), considerado o “Lineu português”. Descreveu inúmeras plantas e elaborou a 1ª flora portuguesa, tendo sido professor e diretor do Jardim Botânico de Coimbra e do Real Jardim Botânico da Ajuda. Também a contemplação desta encantadora planta nos cura as dores interiores da consciência que, dispersa com tantas preocupações e ansiedades, se sente atraída pelo seu brilho e envolvida na paz do seu seio aromático.

Não podemos deixar de relacionar a importância deste trabalho das ciências naturais com a revista *Brotéria*, fundada em 1902 no Colégio de S. Fiel pelos jesuítas Joaquim Silva Tavares, Carlos Zimmerman e Cândido Mendes, e cujo nome pretende homenagear o naturalista português. Numa época de renovada abertura da religião à cultura, esta revista viria mais tarde a desenvolver-se na procura de harmonia entre a ciência, a filosofia e a teologia. Deste modo a «rosa albardeira», cujas pétalas se desenvolvem em forma de acolhedora envoltória, como mãos concha, tal como o comprova a expressão popular «albardar o burro à vontade do dono», passou a simbolizar a atitude de todos aqueles que se dispõem a acolher toda a diversidade da realidade sem discriminações ou exclusões, fomentando uma relação de interdisciplinaridade e ecumenismo espiritual. A «rosa albardeira» é o símbolo da síntese superior da experiência trans-predicativa que, pela linguagem analógica e metafórica, comunica o diálogo entre o mito e o logos e a vivência profunda da relação ecuménica ou envolvente com todos os seres do cosmos, segundo a qual não há judeus nem gregos, não há escravos ou homens livres, não há homens

ou mulheres, nem homossexuais ou heterossexuais, porque todos são um em Deus. A rosa albardeira é a flor do ecumenismo espiritual, que a todos acolhe sem discriminação económica, social ou religiosa.

Rosa albardeira

A peónia do monte
abre-se na mesma frequência do silêncio,

recolhe das pedras brancas
uma luz inesperada
e despoja-se na orla
vagarosa dos nossos passos.

Deixa que a linguagem endémica te perturbe
que a sonoridade comum do vento
seja a singularidade
da tua alma

que o currículo oculto
seduza outros caminhantes.

Deixa que as tuas palavras se contendam
na escuta luminosa do horizonte
na insegurança do abismo,

que o perfume do alecrim
toque nos teus lábios

que a rosa do monte
ofereça ao bosque do teu corpo
a alegria de que precisa.

Deixa que a brisa
deposite na tua pele

os nutrientes do mar:
força, mistério e infinitude.

Deixa-te ir
na visita da água
e descansa.



Fig. 44 – Atuação do dueto Bea Nobre & Francisco Mascarenhas
(fotografia de Carla Gomes).

Versão para composição de uma música
(Samuel Dimas)

A rosa do Monte

Refrão:

Com a névoa da manhã
pelo céu a clarear
a alegria da rosa do monte
vem da água do luar

vem do chão do silêncio
outrora dos lírios do mar
a luz da rosa do monte
vem do sol do teu olhar

1.^a

Deixa que as palavras nuas
te perturbem no caminho
deixa que o andar vazio
te conduza ao horizonte

que o sonho te abisme
na aurora de outra fonte

2.^a

Deixa que o tempo da saudade
que o nevoeiro lá guardou
molhe o bosque do teu corpo
e da alma fustigada

que a vida do seu amor
te dê o encanto de uma nova estrada

3.^a

Deixa-te ir
na visita da água
e descansa

escuta o azul, o aroma do alecrim
faz da luz da peónia
e da infinitude desta graça
a tua dança

faz da lonjura deste abismo
o teu fim...

A rosa do monte

(versão canção de Bea Nobre & Francisco Mascarenhas)

1.^a

Com a névoa da manhã
pelo céu a clarear
a luz da rosa do monte
vem do sol do teu olhar

Refrão:

Deixa-te ir
deixa que o tempo da saudade
na visita da água
molhe o bosque do teu corpo

e descansa
a alma fustigada...

2.^a

Deixa que as palavras nuas
te perturbem no caminho
deixa que o andar vazio
te conduza ao horizonte

Refrão:

Deixa-te ir
na visita da água
e descansa
a alma fustigada...

5.3. A poesia do desenho e o desenho da poesia nos trilhos do monte*



Fig. 45 – Apresentação do desenho de Filipe Romão
sobre um dos trilhos de Montejunto (fotografia de Maria Ilhéu).

O Filipe Romão apresentou o seu trabalho, inspirando-se no caminho que realizamos por entre o bosque dos castanheiros a seguir aos muros da Quinta da Serra e que termina no lugar maior das rosas albardeiras e de algumas orquídeas raras, ainda resistentes às alterações climáticas e à invasão dos seres humanos e dos javalis. Inspirado no caminho encantado deste desenho, Samuel Dimas compôs o seguinte poema:

* Texto de Samuel Dimas.

Braços

Os braços abrem-se do chão
afilados e afritos
com formas retorcidas
pelo peso do vento,

protegem os trilhos
da separação
do corpo
e desafiam
os nomes por dentro das sombras

O poeta José Carlos Pereira que também se encantou com esta serra e nela se inspirou, durante um dos trilhos da ecoresidência. Ofereceu-nos um poema, a forma mais sublime de transmitir da experiência espiritual e afetiva da realidade. Fizemos muitos trilhos por entre os caminhos de narciso e de giestas no silêncio da cumplicidade.



Fig. 46 – Árvores e fetos do bosque endêmico na Quinta da Serra
(fotografia de Samuel Dimas).

A natureza ou o silêncio adiado do mundo*

Ao Samuel Dimas

Naturalmente,
as árvores são a escultura do mundo,
corpo e carne da floresta, o tempo unifica os rostos sob a ventania,
árvores vergadas desenham o nicho do antes e do depois,
uma fome que se esconde no chão — é a fome da pele — a diferença
entre as estrelas
e a boca engolindo um raio de sol. Floresce, ter fome de mar e de mon-
tanha, sorrir a um narciso,
um jogo de cartas como olhares, não vê?

Deixarás de ver um dia, terás visto já por dentro de ti — em ti —, a alma
das árvores, e as copas
tocando o céu,

entre a estrela e a boca, o mesmo e o outro desejante do céu, um só, por
fim: a pele imaterializa a pele,

o que pode pensar a clareira,

a informe palavra caída no chão,

a tempestade (ou música)

implícita na iminente morte da peónia,

uma tecla, um grito: o que pode um grito? Somos todos estrangeiros ao
movimento suave das folhas adormecidas.

Quanto tem de espaço-tempo o lento mover das árvores — uma catedral
— esquecer as imagens

os sons batidos nas teclas,

a pele reveste o chão

* Poema de José Carlos Pereira.

os corpos cegos vêm ao caminho tacteando a metáfora, o jogo antecedente da concavidade surda

A escultura é a árvore em mim, em nós,

um corpo como antecedente de um tempo, um mito encarnado na pedra...e o que é ter fome, o

movimento da boca a sorver o chão.

A árvore resiste, entre a estrela e a boca

a árvore certifica o tempo,

diferencia a boca e a estrela.

esvazia o desejo e ouve o teu movimento surdo como árvore. A noite que desce tudo apaga:

recomeça no dia seguinte.

Durante a preparação do Ecofestival a Luísa Borges fez a experiência dos trilhos na serra, com destaque para o caminho luminoso coberto de narcisos silvestres. Essa vivência traduziu-se nos seguintes poemas:

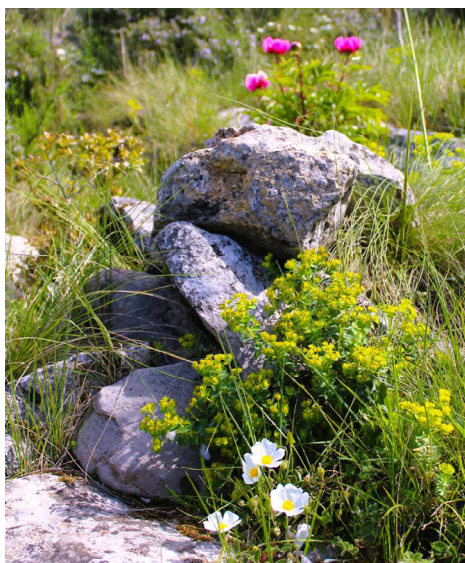


Fig. 47 – Flores silvestres
na Quinta da Serra
(fotografia de Luísa Borges).

MONTE JUNTO I*

MARCAS D'ÁGUA

1.

Creio na ciência dos lugares
Em várias camadas de ossos
Sobrepostas em danças
Batidas de conchas

Creio no Sol circular
do meio dia – quando
Uma vez desprendida
do caule – a tarde
Arde como uma folha

Herbácea e perpétua:
Um repositório de pedras
com serpentes dentro
das ranhuras

Aqui, quando também tu
fores acometido pela
Curiosa idade
de saber o que foste
como foi o que és
Nunca será tarde
Para podares as silvas
Os carrascos cegos
Do teu coração

* Poema de Luísa Borges.

2.

Ao Samuel D.

Ouvindo do mar,
Lapiás, algar
Ponta de lança
Gruta, lugar
Terras de gelo
& penhas como
Sombras do meio dia
Linhagens subterrâneas
Ligam, Atlântidas
Peónias & orquídeas
Silvas & urtigas
Da fundura das lagoas
Até à superfície dos mares

3.

Outrora Artiũ, a Senhora dos Animais
da Europa Velha, sob as árvores
Alimentava grandes ursos pelos cabeços
Bosques ou ilhas desabitadas da humana
Presença perdiam-se, brancas nas dunas
Trinta e três nomes foram
Outrora os seus numes
Mãe Velha, Mãe dos Deuses
Corça divina, Lua
Roda de prata, ursina
Brilhantíssima
Égua, gralha, Deusa das Sombras
Irmã amantíssima dos lobos
Deusa do Sũl como o Sol foi
De outrora, nome de mulher

Serrana, a seta do Norte
A Deusa do céu e das alturas
Inalcançável como a pedra dura
Dos sonhos, coralina
Arborescente, pragana
Ondina calcária
Florida e coroada
Albardeira e cervídea
Cabra-selvagem-dos-montes
Coroada e Florida
Como outrora foi o encontro
Dos dois montes, juntos.
Espiga, espinho, rosa
Ou gramínea.

4.
Coroada e florida
A Senhora das Neves
De maçã e menino
à ilharga
Traz uma estrela
De cinco pontas
aberta
Na palma das mãos
Um tropel de dança
De moços e de moças
sob as gotas húmidas
Do luar de Agosto
Veio das Neves, a Senhora
De olhar de granito
De peito de xisto
Imaculado coração do mar
À direita do altar

Cinco são as pregas nevadas
De estrelas do seu manto
Abismo das fontes
Rosa-de-lobo
Florida e coroada
Rainha
Eternamente
Renascida destes montes

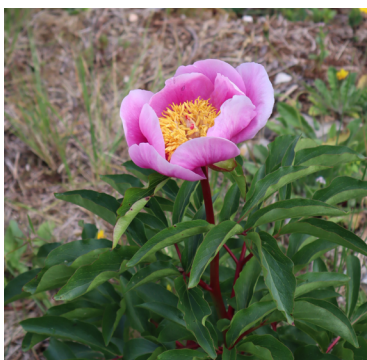


Fig. 48 – Rosa albardeira na Quinta da Serra (fotografia de Luísa Borges).

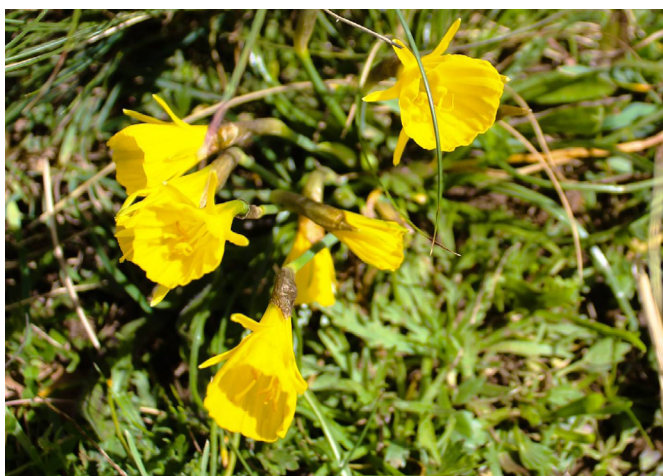


Fig. 49 – Narcisos silvestres (fotografia de Luísa Borges).

5.

ALBARDEIRA

Maciça calcária & estremenha

Falha & normal como uma rosa

Inversa & albardeira

Anticlinal & cársica

Moledo, desfaz-te-em-folhas

De pedra, sobre-os-montes

Lapedo dos lince

Acalento dos lince

A devorar as rosas

Durante o Escofestival realizou-se no parque de merendas da Serra de Montejunto um workshop: “pintar em conversa com a natureza” sob a coordenação de Iryna Tarasova:



Fig. 50 – Workshop: “pintar em conversa com a natureza” sob a coordenação de Iryna Tarasova (fotografia de Carla Gomes).

Nascida na Ucrânia numa localidade perto de Kyiv, emigrou para Portugal há cerca de 20 anos à procura de uma vida melhor. Com formação na Escola Superior de Arte e Design, em Caldas da Rainha na área de Ilustração e Produção Gráfica, desenvolve o seu trabalho de forma livre e criativa: «Adoro experimentar, criar coisas novas, experimentar técnicas, ter a ousadia de quebrar regras». Vive no centro do Cadaval, mas a serra de Montejunto é a casa da sua alma. Trata-se de um belo testemunho de alguém deslocado de uma terra distante e que sente no monte o conforto e o acolhimento de que precisa para enfrentar as dificuldades diárias e que sente no monte a inspiração para a sua criação artística.

CAPÍTULO SEXTO

MITOS E LENDAS

NO ESPAÇO SAGRADO DO MONTE

COMO MEIO DE PURIFICAÇÃO DA CONSCIÊNCIA

6.1. A mitosofia da “moura encantada”*

Este texto é uma breve memória e reflexão da palestra sobre “O imaginário e o simbolismo das moursas encantadas na região de Montejunto”, acompanhado pela voz e música de Mili Vizcaíno, na Cabana do Lenhador



Fig. 51 – Roda de conversa sobre mitos e lenda de Montejunto em conversa com Paulo Borges (fotografia de Maria Ilhéu).

* Texto de Paulo Borges.

O texto de Paulo Borges é precedido pela transcrição da lenda da moura em Montejunto.

Lenda: A moura da Serra das Neves...

Pois andava um caçador pela Serra das Neves, que é como os do Cadaval chamam á Serra de Montejunto. Ás tantas, viu uma linda rapariga em cima de uma pedra. Ia para lhe perguntar o que é que ela estava ali a fazer quando deixou de a ver. Num salto, ela meteu-se por onde ele não viu. Ainda tentou aproximar-se, mas aquilo era tanto mato que já não conseguiu.

Já decidido a vir-se embora, olhou outra vez e a rapariga estava outra vez em cima da pedra. Fez menção de lá ir, e outra vez ela sumiu. De novo se pôs a caminho mas, pelo rabinho do olho viu-a de novo na pedra. Entendeu então, que já dali não sairia sem ter posto as coisas a limpo.

Voltando atrás o caçador disse em voz alta:

— Se és coisa boa, diz-me o que é que queres. Mas se fores coisa ruim ou avantesma, desaparece.

A rapariga respondeu-lhe:

— Claro que sou coisa boa. O melhor é aproximares-te mais. Olha vem por aquele carreiro.

E assim ele fez, aproveitando o tal carreiro que ela lhe mostrou.

— Quero que saibas que sou uma moura encantada e que vivo nesta cova desde que os mouros viviam na terra.

Ora se ele a desencantasse estava disposta a fazer dele um homem muito rico.

O caçador agradeceu muito e dispôs-se a fazer o que ela mandasse.

Entraram os dois na cova. Andaram de mão dada três dias e três noites por baixo do chão da Serra das Neves. Finalmente chegaram a um grande bosque. Então ela fugindo para um lado, disse-lhe que ia aparecer uma serpente com a qual ele teria de lutar. Se ele a matasse a moura ficaria livre e já podia casar com ele.

Era uma serpente de grandes asas e que deitava fogo pela boca.

Porém corajoso, o caçador atirou-se a ela e num instante a desfez.

A moura muito contente, pediu-lhe que ele se metesse pelo bosque até chegar a duas grandes pedras e que se metesse entre elas.

Deu-lhe uma bolinha de ouro e ele que batesse com ela numa e noutra. Uma soaria a choco e a outra a ouro. A moura disse-lhe que o não poderia acompanhar por recear ficar outra vez encantada, mas para ele dar com as pedras deu-lhe uma trança do seu cabelo que lhe ensinaria o caminho.

E lá foi ele por ali fora, chegando as duas pedras. Seguindo as instruções da moura, lá deu com a pedra de ouro. Levantou-a e por baixo tinha um alçapão de acesso a um armazém carregado de coisas valiosas. E eram tantas e tantas as riquezas que ele teve de lá ir várias vezes carregá-las para tirar tudo.

Então, a moura disse-lhe que lhe prometera um tesouro imenso e já lho dera, e se estava disposto a casar-se com ela, consentindo em baptizar-se primeiro. E pronto, ficaram felizes para sempre.

Quanto à palestra sobre “O imaginário e o simbolismo das mouras encantadas na região de Montejunto”, foi uma oportunidade muito grata de recordar uma tradição marcante da cultura popular galaico-portuguesa, documentada de Norte a Sul do nosso país e que considero muito rica e fecunda em termos mitopsicológicos e espirituais. A narrativa é que as mouras encantadas são mulheres muito belas que guardam um imenso tesouro, quase sempre ouro e muitas vezes nas entranhas da terra, e que se manifestam, frequentemente na manhã do dia de São João, em covas ou fontes, prometendo imensa riqueza a quem lhes quebrar o encanto, que consiste em viver ali em forma de serpente. Elas podem aparecer em forma humana, de serpente ou como mulher da cintura para cima e serpente da cintura para baixo. Para que a moura se desencante é necessário que alguém tenha a coragem de ir a uma certa hora, muitas vezes à meia-noite, ao lugar onde ela vive e, quando se manifestar, quase sempre metamorfoseada em serpente, ficar quieto, deixar que a serpente suba enrolando-se por si acima e o beije

(muitas vezes na boca) ou ter a iniciativa de beijar a serpente (por vezes enfatiza-se que, quando a serpente lhe subir pelo corpo acima para o beijar, o candidato tem de ficar quieto, sem estremecer, pois, caso tenha medo e fuja, o encanto ou fado da moura será dobrado). Nos poucos finais felizes, quem beija a serpente ou deixa que ela o beije (ou a olha bem nos olhos), sem medo e com afecto por ela, desencanta-a e liberta-a imediatamente, permitindo que se manifeste como uma bela mulher, recebe todo o seu tesouro, casa e vive feliz com ela no seu mundo.

Embora o povo as designe como “mouras” – atribuindo aos “mouros” tudo o que é arcaico e pré-histórico –, esta tradição não parece referir a presença mauritana e islâmica no noroeste da Península Ibérica, designando porventura os nossos antepassados remotos, os construtores dos castros, mamoa, dolmens e antas, ou divindades pagãs e génios locais, análogos ao mundo feérico da mitologia irlandesa. Uma hipótese é que a origem etimológica do termo esteja no céltico **mrvos*, com o significado de “morto” ou “ser sobrenatural”, o que pode sugerir estarmos perante manifestações do mundo invisível, dotadas de um misterioso poder de metamorfose. Fernanda Frazão e Gabriela Morais relacionam as aparições de mouras com as aparições marianas, num mesmo substrato mítico-visionário enraizado numa das designações mais antigas do noroeste peninsular, *Ophyussae* ou a Terra das Serpentes. Dalila Pereira da Costa, em *Da Serpente à Imaculada*, vê os “mouros” da tradição popular como os primitivos povoadores pré-indo-europeus do território que, após as invasões celtas indo-europeias, teriam descido “às entranhas da terra”, escondendo-se nos “seus subterrâneos, lagoas, cavernas, grutas e poços”. Cabe, todavia, notar que a maior semelhança com as mouras encantadas e seus atributos procede de uma fonte que cremos não ter sido até hoje referida, a da tradição mitológica indiana referente aos *nāga*, figurados na literatura hindu, budista e jainista como tendo cabeça e corpo humanos com cauda de serpente e sendo guardiões de imensos tesouros, não só materiais, mas também espirituais. Cabe ainda destacar que a manifestação das serpentes na cultura galaico-portuguesa é predominantemente benéfica, sendo as mouras

encantadas vistas com simpatia pelas populações, em convergência com a maioria das antigas culturas planetárias, mas em contraste com a diabolização da serpente no *Gênesis*.

A interpretação que sustentamos é que as narrativas dos encontros com mouras encantadas podem ser lidas, para além da sua literalidade, não como histórias passadas entre personagens externos, entre si e a nós, seus leitores, mas como descrições de processos internos, onde os protagonistas não são entidades distintas, mas sim figuras de um mesmo processo de transição da consciência de um estado de ignorância e escravidão para um estado de sabedoria e libertação. A questão essencial é precisamente *em que medida estas narrativas falam das nossas próprias possibilidades de encontrarmos a serpente, deixarmos que nos beije ou a beijarmos, desencantando-a, unindo-nos com ela e recebendo todo o seu tesouro? E o que são a serpente, o beijo, o desencantamento e o tesouro?* Uma leitura possível é que o encantamento da moura em forma de serpente guardiã de um imenso tesouro é o nosso próprio encantamento ou enfeitiçamento na medida em que ignoramos e tememos a natureza divina e infinitamente rica da consciência, confundindo-a com a ficção de sermos um eu separado da superabundância do real e que assim, identificado com as suas *personas* (máscaras) identitárias convencionais, se sente limitado, desprovido e carente. O que a narrativa nos diz é que este fado só termina quando nos abrimos ao que mais tememos – a *serpente* que tem aqui a função dos belos monstros dos contos de fadas, os quais, uma vez sinceramente amados, se revelam afinal belos príncipes – e o beijarmos ou deixarmos que nos beije na boca, ou seja, experimentarmos e reconhecermos que dele não estamos separados, integrando o que antes parecia sombrio e negativo (por ser desconhecido e misterioso) em núpcias hierogâmicas internas que correspondem ao despertar unificador do ser e da consciência. É nisso que consiste o tornar-se infinitamente rico e o viver feliz para sempre, sendo *o tesouro oferecido pelas mouras encantadas/serpentes a descoberta ou reconhecimento da natureza imortal, luminosa e divina da consciência* (nas tradições espirituais da humanidade a *luz*, de que o *ouro* é o símbolo, é a metá-

fora por excelência da *consciência* no seu estado original e intemporal). Com profundas afinidades com a tradição indiana do despertar da *kundalini*, a energia vital que se figura enrolada como uma serpente na base da coluna, o que a tradição das mouras encantadas nos sugere é vê-las como figuras da iniciação ao despertar pleno da consciência.

Concluo com a nota de que o aprofundamento deste tema me conduziu a escrever o guião do concerto meditativo *Coração do Mundo*, que integra o programa do segundo Ecofestival de Montejunto, neste ano de 2025.

6.2. Instância iniciática da conversão*



Fig. 52 – Sobre a lenda da moura encantada (fotografia de Carla Gomes).

Na vivência afetiva do monte, Deus manifesta-se nas pedras, nas árvores e nas flores. Nos narcisos em formas de Sol, nas peónias quaresmais e no alecrim perfumado. Ligamo-nos ao transcendente que é imanente e

* Texto de Samuel Dimas.

que nos arrebatava por inteiro. Uma Presença divina que encerra uma ausência. Por isso, exige a liturgia do regresso. A ausência divina nessa presença incandescente mantém o desejo e preserva a esperança no Infinito. O horizonte de Deus nunca se esgota, a fonte nunca seca e a água nunca sacia a nossa sede. Nada acaba. A água deste centro sagrado é alimentada pela fonte do mar infinito. Purificada nas entranhas da terra, a nascente.

Presença divina

Sinto a presença divina
em todas as cores
em todos os aromas
em todos os sons
em todas as texturas

Sinto a presença divina
na respiração das plantas
e dos animais
na luz da paz e das flores
na sombra da guerra e das agruras

Sinto a presença divina
no pensamento e no sentimento
na carne e nos ossos
como uma secura de verão
e uma névoa de inverno
como um excesso e uma abundância
na invisibilidade de tudo o que é nomeado

Sinto a presença divina como ausência
evidência impossível de se verificar
mistério intangível
liminar ilimitado, infinito

Sinto a presença divina no silêncio do monte
no pulsar do coração
pelos ermos de tojo e alecrim,
sinto a ausência divina
como plena presença nas dobras da pele, nas células do
cérebro, na vida da mente
na consciência mais íntima de mim

Sinto a presença divina no clamor do rosto
que exulta de esperança ou perece em agonia,
sinto a sua presença ausente
na contenção da lógica
e na exuberância metafórica da fantasia.

A tradição popular comunica esta experiência espiritual do monte através de contos e lendas como a «moura encantada» que contém o seguinte mitema geral: as mouras são mulheres muito belas que guardam um grande tesouro nas entranhas da terra e que se manifestam na manhã do dia de São João em fragas ou fontes, prometendo riquezas a quem lhes quebrar o encanto que consiste na vida aprisionada em forma de serpente.

Refere Paulo Borges na sua hermenêutica que «(...) a moura representa na verdade a nossa vida profunda, mas invisível e inaparente, e nesse sentido como que morta ou encantada, para o que em nós vive à superfície de si mesmo, o que pode ser visto como a mente convencional, distraída e alienada do ser ou consciência profundos na multiplicidade de ocupações, preocupações e distrações mundanas (como a busca de poder, riqueza, fama e prazer fugazes)» [Paulo Borges, «O imaginário dos contos populares galaico-portugueses: as mouras encantadas como figuras da iniciação ao despertar da consciência», in *Criaturas e Seres do Imaginário Português* (Arruda dos Vinhos: Bambual Editora Portugal, 2024), 30].

Mas nós temos um poder de metamorfose ou de transformação, que no sentido cristão se dá com o auxílio da graça divina (batismo em Cristo), que reside no mais interior de nós mesmos e que se pode manifestar exteriormente através de um encontro amoroso traduzido pela narrativa do beijo redentor da serpente ao caçador. O encontro da moura/serpente é o reconhecimento consciente do que há de mais profundo e precioso em nós, mas simultaneamente invisível e oculto. O nosso encontro com o tesouro divino da nossa consciência dá-se em fontes ou no interior da terra, dá-se no lugar mais profundo e abundante de nós mesmos de onde jorram os sentimentos do belo e do bem. Se procuramos no exterior das aparências não encontraremos o tesouro.

O beijo da serpente simboliza a instância iniciática da conversão consciente, não apenas da ignorância antepredicativa da literalidade psicológica e cósmica dos animismos, mitos e conhecimento aparente do senso comum, mas também da verdade predicativa lógico-analítica dos cientificismos, das filosofias e das teologias conceptuais e abstratas para a verdade transpredicativa da metafísica fenomenológico-hermenêutica atenta à radicalidade ontológica e existencial do sujeito, recuperando da experiência antepredicativa a significação profunda da relação afetiva e metafórica com o mistério do ser e preservando da experiência predicativa os instrumentos hermenêuticos que elevam da imediatez vaga e purificam da superstição e da magia. Esta síntese mistérica da compreensão emocional e racional, da vida afetiva e pensante, traduz-se por uma harmonia interior com todos os seres do cosmos e por uma paz infinita. Na consciência mistérica, a irrupção da luminosidade primordial de ser que se dá no algar de nós mesmos não significa a negação da filosofia, da ciência e da teologia e a apologia do regresso a um estado pré-humano e selvagem, sem linguagem e sem cultura, mas significa reconhecer nessa humanização o que é trans-racional e divino.

6.3. Na boca da serpente para a redenção do mal e a conversão interior*



Fig. 53 – Contos de Paulo Borges e música de Emilia Vizcaíno
(fotografia de Maria Ilhéu).

Matar a serpente significa eliminar o mal que aprisiona. A mulher teria sido aprisionada sob a forma de uma serpente e só se revelava como mulher no dia de São João, regressando depois a essa condição. Para ser liberta definitivamente era preciso encontrar alguém corajoso que quebrasse esse feitiço. A coragem consiste em enfrentar o mal com o bem, convertendo-se ao amor de Cristo que é o supremo libertador. Viver feliz para sempre, significa viver no amor da ressurreição de Cristo para toda a imortalidade pela graça do batismo. O maior tesouro é alcançar a imortalidade no amor resultante da luta contra o mal. Se o caçador tiver medo e não lutar contra a serpente, se não vencer o mal, terá a perdição eterna no inferno.

Como adverte Paulo Borges, nas tradições celtas a serpente não tem esta conotação maligna porque é o meio da iniciação. Se o caçador deixar que a serpente o beije na boca, sem ter medo e sem se mexer, o feitiço da

* Texto de Samuel Dimas.

moura será quebrado. Para além do sentido literal que se traduz em traços comuns psicológicos da humanidade, como o desejo do amor e o medo do desconhecido, estes contos tradicionais encerram descrições de um processo de alteração de consciência e de vivência espiritual. Por via de uma transformação interior ou conversão, ilustrada pelo tópico do batismo, na luta contra o mal, é possível encontrar o tesouro do amor divino. O tesouro oculto é símbolo da vida interior e as serpentes de fogo que os guardam são as nossas capacidades virtuais de reconhecer essa luz interior. O tesouro que está a ser oferecido é o reconhecimento da natureza luminosa e divina da nossa consciência humana. Essa descoberta é o quebrar do feitiço ou da ilusão em que vivemos.

A moura na forma de serpente e o caçador a quem aparece são um só: o sujeito encantado ou enfeitado pelas palavras mágicas do egoísmo, poder, vaidade e dinheiro e pelo convencimento terreno de que é apenas um ser precário que se aniquila com a morte física. O encantamento é o estado de ignorância induzido pela crença em narrativas reducionistas sobre si mesmo e o desencantamento é o despertar espiritual para a natureza intemporal da consciência e, na tradição cristã, para o destino divino do corpo próprio ou do corpo afetivo e relacional. Não se trata da libertação gnóstica do espírito em relação ao corpo material, mas sim do reconhecimento que toda a corporeidade encerra uma dimensão espiritual que tende para a plenificação imortal (ressurreição da carne). Todo o Universo é animado pelo Espírito e tende para a sua consumação plena e universal.

Moura encantada

À minha filha Mariana Dimas, artista do despertar

Envolveste a infância
no caminho do Outono
subiste ao monte
e visitaste o lugar
em que a lua se deitava,
espreitaste o mar
na mesma altura do vento
e descobriste que o fogo do sol
iluminava a noite com fios de prata.

Nunca mais tiveste medo do escuro
nem dos encantamentos
que dominam a noite,

geraste no teu ventre
emoções fantásticas
e deste ao mundo
outras razões para amar.



Fig. 54 – Moura Encantada
(Mariana Dimas. Caneta acrílica e grafite sobre papel, 42 cm x 29,7 cm).

IV PARTE

FOGO

VENTRE DA TERRA



Fig. 55 – Pormenor das estalactites no algar do javali (fotografia de Maria Ilhéu).



CAPÍTULO SÉTIMO

PEREGRINAÇÃO AO CORAÇÃO DA TERRA PARA A REDESCOBERTA DA PAZ INTERIOR

7.1. A catábase do repouso na treva*

Este texto é uma breve memória e reflexão sobre as atividades e experiência de uma descida ao Algar do Javali, com o Grupo de Espeleologia de Torres Vedras.



Fig. 56 – Descida ao ventre da terra – contemplação na galeria alta
(fotografia de Maria Ilhéu).

Se a caminhada ecomeditativa nos permitiu experienciar a dimensão mais diurna e solar da serra de Montejunto, a descida ao Algar do Javali foi uma autêntica catábase, como lhe chamaram os antigos gregos, uma

* Texto de Paulo Borges.

descida às escuras profundezas das suas entranhas ocultas. A necessidade de espremer o corpo para passar pelas estreitas fendas das rochas fez-me sentir literalmente uma serpente a deslizar pelos labirínticos meandros da Terra (ao escrever isto, recordo o livro de David Abram, *Becoming Animal. An earthly cosmology*). Foi uma experiência desafiante, em termos físicos, emocionais e mentais, mas por isso mesmo profundamente enriquecedora! O momento culminante foi quando todo o grupo se reuniu numa plataforma um pouco mais ampla da caverna e decidimos apagar por uns momentos todas as lanternas, ficando na escuridão e silêncio totais. Lamentei não ser mais tempo, mas permitiu-me um fugaz vislumbre do que terá sido a experiência multimilenar dos nossos antepassados que, quando eram caçadores-coletores e não se haviam ainda escravizado ao trabalho de cultivar a terra e criar gado, tinham muito tempo livre que lhes sobejava para se dedicarem a explorar estados diferenciados de consciência, muitas vezes por imersão nas grutas e cavernas (como o atesta a arte rupestre pré-histórica, cujos motivos são hoje interpretados como indicadores de estados diferenciados de consciência, afins aos facilitados por privação sensorial, práticas contemplativas ou psicotrópicos, como sustenta David Lewis-Williams em *The Mind in the Cave*).

Esta experiência de repouso na treva e no silêncio ofereceu-me também um pressentimento do que terão sido as antigas práticas que os gregos denominaram *enkoimésis* e os latinos *incubatio*, a incubação, que consistia em passar períodos de média e longa duração imóvel no fundo escuro e silencioso das grutas até surgir uma experiência de revelação ou cura. É uma das mais antigas formas de meditação documentada no Ocidente (leia-se sobre este tema a obra de Yulia Ustinova, *Caves and the Ancient Greek Mind*), praticada por filósofos como Pitágoras e Parménides, bem como nos santuários consagrados ao deus da medicina, Asclépio para os gregos, Esculápio, para os romanos, porventura afim ao Endovélico lusitano, com um importante santuário cujos vestígios se encontram no município do Alandroal. Inscrições encontradas na sua cidade natal de Eleia sugerem que Parménides, considerado o fundador

da ontologia ocidental, pertenceu a uma linhagem de terapeutas que recorriam à incubação (eram designados como *pholarchos*, os “senhores dos covis”) para conduzirem os pacientes à *hesychia*, a quietude, como se diz que aconteceu ao próprio Parménides, por via do seu mestre, o pitagórico Ameinias (vejam-se sobre este tema as obras de Peter Kingsley, em particular *In the Dark Places of Wisdom e Reality*).



Fig. 57 – Na transparência do Calcário (fotografia de João Azevedo).

Outra intuição que esta experiência me trouxe foi a da sua relação com os percursos noturnos por subterrâneos nos ritos dos mistérios de Elêusis, que atualizavam a descida da deusa Demeter ao submundo em busca da sua filha Perséfone. Sobre eles um fragmento de uma obra perdida de Aristóteles (*De Philosophia*, 15), a que o filósofo Eudoro de Sousa dá muita importância, diz que “os iniciados não são subme-

tidos a qualquer ensinamento, mas a uma experiência, mediante a qual adquirem certa disposição de ânimo, previsto que para tal se tenham tornado aptos”. A escuridão das entranhas da serra de Montejunto ofereceu-me uma confirmação daquilo a que Aristóteles alude e que já desde há muito havia descoberto: é pela experiência direta, nas profundezas também somáticas da alma, e não pelo conhecimento intelectual e verbal, livresco e académico, que se acede à sabedoria ou saber-sabor do que é essencial. Disto depende a reorientação da filosofia para a sua vocação original, tão esquecida nas instituições que a ensinam.



Fig. 58 – Meditação na galeria baixa das estalactites (fotografia de CMA).

A imersão nas entranhas da serra de Montejunto não pôde deixar ainda de me recordar a tradição de que a serra é oca e está ligada com outras serras, como as de Sintra e da Arrábida, bem como com o oceano (patente na lenda acerca do Ouvido do Mundo, a laguna que nunca seca e na qual quem entrar jamais volta a ser visto). Tudo isto evoca no meu espírito as tradições acerca da existência, no interior da Terra

ou em dimensões paralelas à nossa, de reinos ocultos, como Agartha e Shambhala, onde por vezes se situa a presença da soberania espiritual do mundo, que a partir daí vigia os desenvolvimentos problemáticos da vida humana à superfície do planeta, aguardando o momento oportuno de intervir para redimir a humanidade da decadência e a reorientar para a sua vocação espiritual.

7.2. O sentimento saudoso do divino no algar interior do Monte Sacro*



Fig. 59 – No conforto do coração do Monte (fotografia de Maria Ilhéu).

O Ecofestival proporcionou-nos uma descida ao ventre da terra e uma ascensão ao limiar do céu. Uma caminhada ao mais fundo da nossa consciência na descensão protegida ao lugar recôndito das suas trevas luminosas e na subida desprotegida ao lugar elevado das suas visões misteriosas. A luz das trevas oferece-nos o saber paradoxal e metafórico de conjectura da racionalidade mistérica, elevando o saber analógico e noético da racionalidade mística filosófico-teológica ao zénite da inteli-

* Texto de Samuel Dimas.

gibilidade, menos clara e distinta, mas mais rica e manifestativa da complexidade relacional e desproporcional da realidade infinita de Deus, simultaneamente transcendente e imanente. O saber analógico e vivencial da experiência originária de totalidade que exige a explicitação do saber racional do mito e do saber lógico-analítico das ciências é subsumido de forma espiralar no saber paradoxal ou conjectural da inteligibilidade poética, retirando a intuição intelectual do ontologismo idealista e elevando-a para o plano ideorrealista da correlação entre o mistério da consciência pensante e o Mistério do Ser de que aquela faz parte. Sob essa inspiração da escuridão absoluta no coração da serra, apresentamos o seguinte poema:

Algar

Nas galerias interiores da terra
o tempo pende na vertical
até ao ilimite das fraturas,

na rocha cársica
firmo os pés e o externo
com a mesma pressão
da transparência

recurso à luz exclusiva
da escuridão e do silêncio do caminho.

Nunca descera tão fundo
ao algar do meu corpo
como se fosse o primeiro
e o último momento da respiração

em companhia de todos os seres
atuais e ancestrais

7.3. A paz interior no coração do monte e retorno à vivência afetiva da natureza*



Fig. 60 – Da luz da treva à treva da luz (fotografia de Carla Gomes).

* Texto de Samuel Dimas.

Estamos no coração do monte que veio do caos para o cosmos através do nosso sentir e contemplar. Nessa relação íntima, o monte converteu-se em espaço sagrado. As grutas tornaram-se habitadas e guardaram os espíritos para a eternidade. As colinas ergueram castelos na idade dos metais e protegeram as famílias dos ventos, demónios e animais ferozes. Os espaços tornam-se sagrados na relação com as pessoas que os interpretam como manifestação divina.

No coração dos castros, vemos torres de vigia e ritos de sacrifício, em súplica e louvor durante o ciclo das estações. Pedras e árvores verticais, fixas no centro do lugar. Centro da intimidade divina em que o homem habita. Algar de rutura com o espaço profano da rotina de todas as horas e da desordem dos dias. Lugar de conquista da relação, de ordem e apaziguamento. Estamos no coração do monte, sagrado, protegido da erosão do mal e da separação dos elementos. O centro abrigado do sal e do sol criou um bosque fresco de azinheiras e loureiros, carvalhos e sobreiros. Árvores sagradas, protegidas do fogo e dos espíritos malignos. Estamos no centro da manifestação divina com sentimentos arcaicos e saudosos de plenitude.

Subimos de lados opostos da serra para convergirmos no interior do seu coração, na experiência meditativa da consciência afetiva e frutiva do Ser infinito, que se oculta à objetivação predicativa e lógico-analítica. Visitamos coração do monte para sentir as cores, as formas raras do cosmos e as dádivas efémeras. Visitamos o coração do monte para amar.

Recebemos no corpo a mesma paz e na inteligência a mesma esperança que veio do caos para o cosmos através do nosso sentir e contemplar. Nessa relação íntima, o monte converteu-se em espaço sagrado. As grutas tornaram-se habitadas e guardaram os espíritos para a eternidade. As colinas ergueram castelos na idade dos metais e protegeram as famílias dos ventos, demónios e animais.

No coração dos castros, vemos torres de vigia e ritos de sacrifício, em súplica e louvor durante o ciclo das estações. Pedras e árvores verticais, fixas no centro do lugar. Centro da intimidade divina em que o homem habita. Algar de rutura com o espaço profano da rotina de

todas as horas e da desordem dos dias. Lugar de conquista da relação, de ordem e apaziguamento.

Quando a alegria originária consiste na felicidade de simplesmente ser e a felicidade consiste na harmonia fraterna de todos os seres. A saudade mistérica não contrapõe a visibilidade do ser-aí-no-mundo à invisibilidade do não-ser-aí da vida, porque supõe uma única realidade que se manifesta em diferentes níveis de ser que se correlacionam no seu desenvolvimento teleológico para a Plenitude relacional do Amor.

Fogo

O fogo que abre
as galerias do monte
é o mesmo que ilumina os neurónios

a vaporização
das células nervosas
em estados de consciência

não seria possível
sem o calor
da condensação
e a rede de grandes artérias

7.4. Ação do Espeleo Clube de Torres Vedras na educação ambiental e defesa do património natural*



Fig. 61 – Sob a orientação do Espeleo Clube de Torres Vedras
(fotografia de Maria Ilhéu).

Criado há 54 anos como resposta às necessidades de um grupo de jovens torrienses, o Espeleo Clube de Torres Vedras, transformou-se numa das associações com ações ligadas não só à espeleologia, mas também à educação ambiental e defesa do património natural e construído.

Iniciou a sua atividade em 21 de agosto de 1971, por um grupo de jovens cujos objetivos se traduziam na realização de atividades, que permitissem um maior contato com a natureza, o seu estudo e preservação. Logo nas primeiras saídas para o campo, aquele grupo de jovens sentiu curiosidade de conhecer uns “buracos” que existiam nos arredores de Torres Vedras, o que motivou umas quantas explorações à zona dos Cucos, traçando assim o caminho a seguir – o estudo das cavernas.

Em março de 1973 travámos conhecimento com um jornalista, praticante de espeleologia (Alexandre Morgado), que muito nos ajudou no contato com outros espeleólogos e na obtenção de textos referentes a esta atividade. Participamos ainda no 1º Colóquio Nacional de Espe-

* Texto de Emanuel Carvalho.

leologia (organizado pelo Grupo de Estudos Espeleológicos do Centro Universitário de Lisboa) apresentando uma comunicação sobre um novo processo de fabrico de escadas metálicas. É durante esse evento, e por convite, que passámos a fazer parte integrante da Comissão Nacional de Espeleologia, com o estatuto de observador.

É ainda neste ano que decidimos o nome a dar ao nosso clube “ESPELEO CLUBE DE TORRES VEDRAS” e pensámos em oficializar a nossa associação, o que só será plenamente conseguido em 1977, mediante a obtenção de um subsídio do extinto FAOJ, exclusivamente concedido para o efeito.

Desde então temos desenvolvido toda uma atividade de estudo das cavernas, tendo participado nas mais variadas realizações espeleológicas que ao longo de todos estes anos têm ocorrido. Foi assim que participámos ativamente através da apresentação de comunicações, no 1º Encontro Nacional de Espeleologia da Península de Setúbal em 1976 e no I e II Encontros Nacionais de Espeleologia em Sintra. Organizados pela Associação dos Espeleólogos de Sintra, nos anos de 1981 e 1983, bem como fizemos parte das duas Comissões Nacionais de Espeleologia constituídas do Encontro de Setúbal e do II Encontro de Sintra, mas, se a comissão nascida em Setúbal teve vida curta, já o mesmo não aconteceu com a constituída durante o II Encontro de Sintra, pois que, mercê de um frutuoso trabalho dos representantes das associações de espeleologia ao longo de várias reuniões em Sintra, Torres Vedras, Aveiro e Lisboa se conseguiu alcançar o objetivo que desde 1973 (pelo menos) era perseguido, e no mês de novembro de 1985, teve concretização, com a satisfação dos últimos requisitos legais necessários a oficialização da Federação Nacional de Espeleologia.

Quanto às atividades espeleológicas, iniciamos a nossa atividade pelo estudo dos pequenos afloramentos calcários situados no nosso concelho ou concelhos limítrofes. Os afloramentos dos Cucos e do Vimeiro, a par de pequenas plataformas calcárias, foram os nossos primeiros alvos com trabalhos de prospeção espeleológica e arqueológica, topografia, espe-

leogénese e desobstrução, entre outros, dos quais uma pequena amostra foi apresentada nos encontros de Setúbal e Sintra.

Com o passar dos anos, a nossa atividade estendeu-se para o Planalto das Cesaredas (Vale da Columbeira, Reguengo Grande, Serra d'El Rei e Bolhos) e na Península de Peniche. Mas ainda assim, não satisfeitos, lançámo-nos decididamente no estudo espeleológico da Serra de Montejunto que ainda está em curso, e onde ainda há muito que fazer, apesar de já possuírmos um volumoso arquivo de dados.

Foi no ano de 1979, que pela primeira vez, nos deslocamos à Serra de Montejunto com a finalidade de visitarmos as grutas.

As mais conhecidas foram as primeiras que nos foram indicadas; as Lapas do Castelo de Pragança, os Buracos Mineiros, o Algar das Gralhas e o Algar da Maria Pia. Este último só no início da década de 1980 foi possível aceder, já que, era necessário comprar uma corda de 100 metros. Seguiram-se várias descidas e um trabalho muito perigoso. A desobstrução de um poço com uma vertical direta de 62 metros. Devido à sua perigosidade este trabalho foi interrompido.

No início de 1980, começamos a contactar os pastores e os habitantes das aldeias situadas no sopé da serra, principalmente a aldeia de Pragança. Foi nesta altura que podemos conhecer cerca de duas dezenas de cavidades. Paralelamente a este trabalho iniciamos a prospeção sistemática de toda a área da serra.

No ano de 1986, com o apoio do extinto FAOJ, iniciamos um Campo Internacional de Trabalho com vista à limpeza da serra. Foi ainda neste ano, e através do Professor A. Guapo que visitamos a Fábrica da Neve (erradamente designada Real Fábrica do Gelo), e desde logo projetamos iniciar a recuperação deste importante monumento. De acordo com uma "Certidão de Registo" pedida por Martinho Bartolomeu (neto de Julião Pereira de Castro) para confirmar a sua posse sobre os terrenos da referida fábrica (datada de 13/10/1824 como transcrição de 1 registo datado de 1/7/1787), podemos verificar na folha 2 (linhas 14, 15, 16 e 17) a referência ao Capitão Julião Pereira de Castro Reposteiro... Neveiro, e na folha 3, linha 14, a referência ao nome de "Fabrica da Neve".

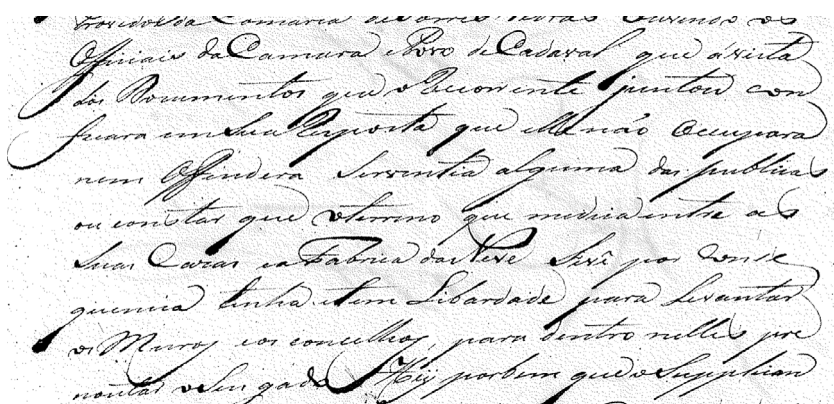


Fig. 62 – Certidão de registo da Fábrica da Neve.

Assim no ano de 1987, iniciamos os trabalhos de limpeza e recuperação deste monumento. Foi assim nos anos seguintes até 1995.

Estes campos internacionais ocuparam mais de 250 jovens de 13 países, nomeadamente: Portugal, Marrocos, Lituânia, Espanha, antiga Jugoslávia, Bélgica, Itália, Dinamarca, Holanda, Moçambique, França, Cabo Verde e Hungria. Todo este trabalho culmina com as obras de restauro, com o apoio do extinto IPPAR e da Câmara Municipal do Cadaval, que desde o primeiro dia foi fundamental no apoio dos Campos de Trabalho.

Em 1988 foi feito o levantamento das lendas e histórias sobre as grutas da serra, trabalho este, que foi apresentado no 1º Congresso de Espeleologia em Porto de Mós.

Como consequência dos trabalhos de prospeção, o inventário das grutas e cavidades foi aumentando de volume. Atualmente são conhecidas mais de 100 cavidades.

A descoberta do Algar do Bom Santo, marca um ponto alto na arqueologia da Serra de Montejunto. Foi descoberto no ano de 1992, por uma associação congénere.

A partir de 1993 fizeram-se 3 campanhas de escavações arqueológicas que contaram com a nossa colaboração.

Trata-se talvez, da maior necrópole do período neolítico existente na Europa.

Um detalhe de grande importância foi o fato de esta necrópole ter sido descoberta por quem, desde o início, teve a noção do que estava a descobrir, mantendo tudo intacto e no lugar, como foi deixado há cerca de 7000 anos.

Durante estes trabalhos a RTP filma exaustivamente esta cavidade, destas filmagens resulta um documentário intitulado “Terra Humana” exibido em 1995, que ainda hoje permanece atualizado.

Em 2004 iniciam-se os estudos e escavações arqueológicas no Convento de Nossa Senhora das Neves. Estes trabalhos continuaram em 2005 e 2006 sobre o patrocínio da Câmara Municipal do Cadaval. Também estes trabalhos tiveram a nossa colaboração.

Ainda durante o ano de 2004 é descoberto por nós o Algar da Nossa Senhora das Neves, que se situa nas imediações do convento com o mesmo nome, e de imediato se inicia a sua desobstrução.

Foi com grande surpresa que descobrimos que os monges durante o período, muito curto, em que utilizaram este monumento, usaram este algar como depósito de lixo, o que permitiu a recuperação de algum espólio, principalmente cerâmico de finais do século XVII e primeira metade do século XVIII.

Em 2012, juntos com outras associações, dirigimos um protesto contra a tentativa de construção de um parque eólico na zona das Fontainhas, felizmente bem-sucedido.

Em 2017 é descoberta a gruta de maiores dimensões da Serra, A Gruta do Vale das Pedras.

Com cerca de 1 quilometro de galerias topografadas, vai permitir que durante muitos anos se façam trabalhos de desobstrução. A existência de várias galerias obstruídas, permitirá, o que já aconteceu, conhecer novas áreas desta importante cavidade. A existência de uma colónia de morcegos confere à cavidade uma maior importância.

Atualmente estamos a refazer todas as topografias, com aparelhos que permitem um maior rigor, no registo das mais de 100 cavidades conhecidas nesta Serra.

Ao longo destes anos, temos levado centenas de jovens em safaris fotográficos ou simples passeios de Educação Ambiental, educando e dando a conhecer todas as maravilhas que esta Serra tem para dar, levando ao despertar das consciências destes jovens, para a defesa e conservação deste valioso património que é herança de todos nós.



Fig. 63 – Descida ao algar do javali (fotografia Carla Gomes).

Quanto ao Maciço Calcário Estremenho, a zona cársica por excelência (no nosso país), também tem merecido a nossa atenção, tendo desenvolvido atividades próprias e colaborado em outras, das quais se destaca a descoberta em 1982 das galerias fósseis da gruta do Almonda e da colaboração com o Núcleo de Espeleologia da Universidade de Aveiro na operação denominada “Sifão Seco”, que muito contribuiu para a descoberta da continuação da rede de galerias, aumentando significativamente o desenvolvimento total da maior gruta portuguesa.

Colaboramos ainda nos trabalhos de filmagem da série da RTP “O Mar e a Terra”.

É de todos conhecida e geralmente aceite que qualquer atividade só terá hipóteses de se desenvolver se houver uma divulgação adequada e explícita dos seus anseios, problemas e objetivos. Deste modo, porque queremos que a atividade espeleológica seja conhecida e reconhecida como atividade socialmente útil e adequada ao desenvolvimento das capacidades da juventude, temos desde há longos anos, dedicado particular atenção a esta ação, consubstanciada na mais ou menos regular publicação de artigos na imprensa local e regional, sobretudo no Jornal Badaladas versando o tema da Espeleologia. Também integrado neste esquema de divulgação levamos a cabo, no ano de 1985 e integrado nas Comemorações do Ano Internacional da Juventude, o I Curso de Iniciação à Espeleologia (abertos a todos os jovens) com uma frequência bastante razoável.

Foi na década de oitenta, que se deu um salto qualitativo e quantitativo importante na afirmação do ECTV como entidade especialmente vocacionada para a animação e formação juvenil. Este vetor de intervenção traduziu-se numa clara aposta nos jovens em idade escolar, o que permitiu o rejuvenescimento da associação e o incremento de atividades de natureza educativa. Nesse sentido, foram lançados novos cursos de Iniciação à Espeleologia e Arqueologia, ações de divulgação envolvendo largas centenas de jovens das escolas do concelho em atividades de campo.

Paralelamente foram desenvolvidas as primeiras atividades com objetivos prioritários de educação ambiental e de proteção do património, das quais se destacam os Campos Internacionais de Trabalho na Serra de Montejunto, que visaram a Fábrica da Neve de Montejunto, e projetaram definitivamente o ECTV no panorama nacional, como uma associação capaz de mobilizar jovens e organizar grandes eventos.

Entidades como o IPPAR, IPJ, IPAMB e Autarquias, entre outras, começaram a olhar-nos, não apenas como associação espeleológica,

mas já como parceiro a ter em conta nas questões de juventude, ambiente e património.

Neste particular, a espeleologia tornou-se um valioso instrumento ao serviço da Educação Ambiental – pelo seu apelo e carga de mistério e aventura – permitindo “agarrar” os jovens para temas e problemas atuais referentes ao Estudo e Conservação do Património Cárstico, Ambiental e Construído.

A organização de grandes eventos como o Congresso Nacional de Espeleologia em Torres Vedras, Ações de Educação Ambiental em escolas de toda a região, Campos de Trabalho e a internacionalização das nossas atividades através dos projetos de intercâmbio com congéneres de República Democrática de São Tomé e Príncipe, República de Cabo Verde e República de Moçambique, granjeiam-nos igualmente um estatuto de intervenção na comunidade raramente conseguido por uma associação. O facto da Câmara Municipal de Torres Vedras se ter empenhado na resolução do problema da sede, e do Instituto da Juventude ter confiado ao ECTV para a criação e dinamização de um Centro de Apoio à Juventude em Torres Vedras, são prova disso.

Outros marcos na nossa ação são a coordenação regional do projeto “Coastwatch” e a dinamização de ação “Costa Viva”, que coloca no terreno centenas de jovens em atividades de vigilância e limpeza das praias da nossa costa.

Tendo atualmente sede própria o ECTV debate-se com o problema de todas as associações, que é a de atrair jovens para uma atividade que sendo apaixonante exige por vezes grande esforço físico, não é fácil estar várias horas deitado na lama a desobstruir galerias, muitas vezes sem resultados práticos, ou várias horas a desenhar um complexo de galerias, entre outras, no entanto é deste modo que se define parte de um grato trajeto que pretende continuar a “aventura” associativa, na forma de um projeto pedagógico, para jovens e adultos, com a preocupação acrescida de servir a cultura, a ciência, o estudo e defesa do património ambiental e construído, o lazer, a fantasia e a educação, no pressuposto que tais propósitos constituem das mais nobres e fundamentais tarefas para a construção de um diferente e melhor futuro.



CAPÍTULO OITAVO

NOS TRILHOS DO ECUMENISMO ESPIRITUAL PARA UMA ECOLOGIA INTEGRAL

8.1. Via diurna da ecomeditação*

Este texto é uma breve memória e reflexão sobre as actividades de um workshop de ecomeditação que facilitei, em conjunto com Daniela Velho, por vários trilhos da serra.



Fig. 64 – Para um caminho imersivo com Paulo Borges e Daniela Velho, na cabana do lenhador (fotografia de Maria Ilhéu).

Começando pela ecomeditação, a proposta foi simplesmente caminharmos pela serra com a consciência e os sentidos bem abertos a tudo, experienciando a natural não-separação entre quem percebe e o que é

* Texto de Paulo Borges.

percecionado. Deixando as consciências sensoriais abertas, num silêncio exterior e interior livre de conceptualização e verbalização, reduz-se ou dissipa-se o pressuposto da cisão entre quem vê e o que é visto, quem escuta e o que é escutado, quem toca e o que é tocado, quem cheira e o que é cheirado, quem saboreia e o que é saboreado. Os participantes puderam vivenciar, caminhando imersivamente na serra, o regresso a uma experiência da natureza menos condicionada pelos filtros culturais, mormente os da cultura dominante, que pressupõe como paradigma de normalidade mental a percepção do mundo em termos de dualidade e separação sujeito-objeto. Pudemos assim sentir, pelo menos em vislumbres intermitentes, que o aprofundamento desta experiência conduz a descobrir que, mais do que sermos apenas alguém a caminhar na serra, *somos a própria serra*, sendo a nossa consciência e sentidos humanos um dos muitos órgãos da sua autoconsciência e autoexperiência, a par de muitos outros, como o das diversas espécies animais e porventura mesmo vegetais e minerais. No desenvolvimento aprofundado da experiência meditativa, a serra, que começa por aparecer na consciência como o seu objeto, distinta do sujeito distinto que a consciência não-meditativa supõe ou imagina ser, revela-se afinal ela mesma como ser, consciência e vida, que aparece sem distinção e dualidade no jogo das aparências fenomenais de seres humanos, animais, pedras, rochas, árvores, plantas, terra, céu, sol e chuva... Em última instância a serra deixa de ser uma serra-objeto para uma humanidade-sujeito, para ser apenas o que é, sem qualificações conceptuais e linguísticas vindas da necessidade de segurança e domínio que a mente humana sente como consequência da sua constitutiva insegurança e vulnerabilidade.

Ao longo deste percurso parámos para ler trechos inspiradores acerca de experiências de imersão na natureza, que expressam esta descoberta da íntima conexão com a sua dimensão sagrada e divina, como *Hipérion ou o Eremita da Grécia*, de Hölderlin, ou *Love Letter to the Earth*, de Thich Nhat Hanh, mas neste momento ocorre-me, para falar desta experiência, o poema “Meditando”, do livro *Sempre*, de Teixeira de Pascoaes, onde o autor evoca as suas próprias caminhadas meditativas

na natureza como as “Horas em que medito e me disperso, / Por tudo quanto existe”, em que vê “a intimidade, o laço oculto, / Que as almas todas casa” e acede à experiência auditiva que assim expressa:

“Ouço uma voz dizer, em mim: *eu sou alguém...*

E sinto que essa voz não é só minha; eu sinto

Que dimana de tudo o que me cerca e tem

Ermo perfil, nas trevas, indistinto”

O que Pascoaes expressa, e que uma caminhada ecomeditativa pode ajudar a experienciar, é a arcaica experiência animista e panpsiquista, ainda hoje tão presente nas culturas indígenas, de vivermos num mundo animado e povoado de inúmeras presenças invisíveis e subtis, não apenas humanas, que surgem ou não como a expressão múltipla de uma difusa e velada presença unificante, que a tudo engloba e vivifica. Esta escuta e compreensão empática das vozes cósmicas é o que também surge claramente no soneto “Redenção”, de Antero de Quental, onde o poeta proclama compreender o “verbo crepuscular e íntimo alento / Das cousas mudas”, bem como a “língua estranha” das “Vozes do mar, da selva, da montanha... / Almas irmãs da minha, almas cativas!”.

8.2. Caminhada ecomeditativa na fruição da natureza*



Fig. 65 – Caminhada ecomeditativa com Paulo Borges e Daniela Velho, na Cabana do Lenhador (fotografia de Carla Gomes).

Da Quinta da Serra para a encosta sul da Abrigada, realizámos uma caminhada ecomeditativa, com os sentidos e a consciência bem abertos a todo o mundo natural envolvente. Foi praticada meditação em andamento e em lugares sentados, procurando experienciar a ausência de separação entre os participantes e a natureza. No final, leitura e meditação sobre textos inspiradores, com os participantes a dizerem algumas palavras sobre a experiência que vivenciaram. As árvores abençoam o caminhar, apontam a direção do céu e abrigam a abundância das neblinas e do azul do mar. Seguimos em direção a sul para admirar o horizonte com outra luz.

* Texto de Samuel Dimas.

A atividade uniu budistas, ateus e cristãos na mesma comovida harmonia e conexão com o Grande Mistério que se manifesta em todo o Cosmos. Em comum, o método iniciático da meditação, focando e desfocando, e da consciência aberta ou não-meditação, em que nenhum sentimento ou pensamento é recalcado ou alimentado. Em comum a valorização das sensações e das percepções no acolhimento de tudo o que se manifesta. Em comum a relação afetiva e poética com o Universo que se traduz na liberdade da vida e da palavra. É quase nada o que nos distingue, porque o que nos diferencia pertence à natureza hermenêutica da nossa condição finita. Todas as sensações que nos dão o sentido da nossa espiritualidade essencial são estados conscientes que incluem a emoção e a cognição, mesmo que pré-lógico-analítica.

Escuta

Aceita a interpelação
das giestas
e o silêncio
das palavras frugais

Não permitas
que o poder do vento
desfaça a vulnerabilidade
do caminho
e instaure nos teus lábios
resistências ao desconhecido

Deixa que as cores
e os aromas da manhã
te confundam os sentidos
e te abalem as certezas

que a invisibilidade
da aragem
domine o pensamento

que a força do vento
destrua a segurança
das evidências

Purifica a limpidez das ideias
com as impurezas da terra
e experimenta a liberdade
sagrada do monte.

A atividade proporcionou a vivência consciente do primeiro nível da experiência consciente do Ser para aqueles que, a realizando, se iniciaram na escuta do monte e de si mesmos. Experiência primordial de integridade e totalidade, que Paulo Borges caracteriza de «pura consciência frutiva», sem qualquer intencionalidade ou determinação resultante da cisão cognitiva entre sujeito e objeto que se dá no nível predicativo. Nesta experiência humana antepredicativa, como lhe chama José Enes, estamos em conexão íntima com o Mistério divino de todos os seres e recebemos de forma imediata a exuberância onto-fenomenológica da sua presença que antecede todas as formas naturais e culturais de viver delimitadas pela filosofia e pelas ciências. Mas a consciência disso dá-se na mediação teatral dessa vivência. É necessário dizê-lo. Recebemos na cara a aragem do vento, admiramos as cores puras das árvores, sentimos o aroma intenso das flores, vemos o horizonte infinito de céu azul e estrelado e equilibramo-nos no espaço. Admiramos os céus diurnos com a águia cobreira e o açor, a estrelinha de cabeça listada e o andorinhão. Surpreendemos o esquilo vermelho nas árvores e os pequenos répteis no calor das cascalheiras, por entre carrasco e alecrim. Escutamos nos céus noturnos a coruja das torres e o bufo real. Regressamos ao paraíso do convívio fraterno com todas as plantas e animais. Nessa inocência não há cisão entre a vastidão do horizonte e a consciência que a percecione, tornando-se esta tão ampla como a realidade infinita de ser e de poder vir a ser.

8.3. O sentimento saudosos de regresso à condição originária*



Fig. 66 – Contemplação do horizonte na encosta sul do Monte
(fotografia de Maria Ilhéu).

Esta não-separação remete para uma pura consciência a que Paulo Borges atribui a condição absolutamente livre e saudável de «vacuidade». Na experiência predicativa de análise e justificação do fundamento, alcance do sentido dessas vivências, recebemos muitas teorias físicas, químicas, biológicas, psicológicas, neurológicas, filosóficas e teológicas. Todas elas enformadas pelo contexto cultural e pelas circunstâncias históricas, sempre sujeitas a desvios ideológicos e a erros hermenêuticos. Mas será a cultura um obstáculo à vivência interior do Ser? Por defeito, as nossas mentes são repetitivas e vão saturando o nosso espírito com preocupações obsessivas relacionadas com essas memórias más e boas, com essas ideias predefinidas. Traduzirá o sentimento da saudade o desejo de regresso à condição de paz dessa vivência primigénia, concretizável pela libertação dos preconceitos e conceitos do mundo?

Ou será a saudade, o desejo futurante dessa inocência perdida, que se satisfaz, não pelo abandono absoluto do saber concetual, mas pela

* Texto de Samuel Dimas.

ascensão a um nível superior de consciência e de verdade simultaneamente afetiva, intuitiva e intelectual, a que José Enes dá o nome de experiência transpredicativa ou transconceptual? Teremos nós saudade da consciência espontânea e vaga de uma totalidade indistinta e sem relação, ou saudade da consciência plena de todas estas vivências dominadas por percepções, crenças e teorias, a qual se dá no plano da experiência trans-predicativa, quando reconhecemos a relatividade e perspectiva de todas as emoções e ideias a que aderimos? Uma consciência plena de saber-sabor, que enunciada na origem, se plenifica e nos atrai como destino. Talvez uma paradoxal cumplicidade entre o silenciamento de todo o pensar, imaginar e dizer, proposto na tradição mística oriental e helénica, e a compreensão analógico-metafórica e conjectural da tradição mística arábico-judaico-cristã, que apreende a essência divina de toda a realidade como infinita transcendência imanente ou imanência transcendente, como inefável e invisível presença ausente e ausência presente.

Na conexão poética e afetiva, de ordem trans-concetual, com todos os seres naturais e humanos, teremos a capacidade de reduzir o volume de negatividade das emoções traumáticas e dos pensamentos obsessivos e preocupados, abrindo-nos ao maravilhamento que nos rodeia. Reduzimos a preocupação da atividade da amígdala, sempre tensa e ansiosa perante os riscos que ameaçam a nossa vida. Dispomo-nos à felicidade da vida, enquadrando de forma mais ajustada as emoções e os pensamentos na relação com todos os seres, sentindo tudo como se fosse pela primeira vez. Recuperamos a condição infantil antepredicativa de sermos recetivos a tudo o que nos rodeia, sem os filtros castradores das teorias lógicas e das alienações ideológicas presentes nos discursos científicos e filosófico-teológicos, mas também sem os elementos de ignorância e ilusão delirante que constam das percepções imediatas, das narrativas míticas e das crenças populares. Há uma depuração espiralar da ignorância e do pseudo-conhecimento numa sabedoria outra inclusiva e estendida.

Doação

A luz

entra na garganta

para que as árvores

fixem as raízes

nas paredes interiores do corpo

os ramos protegem a cabeça

das queimaduras

e da humidade extrema

para que as palavras

tenham um sabor

doce e fresco

e não amadureçam demais antes do

ocaso.

O sentimento da saudade mistérica, em vez de um convite à superação da filosofia, da ciência, da literatura e da arte para o espaço vazio do fundo sem fundo, traduz um convite ao exercício da racionalidade vital e simbólica que não se faz sem pensamentos, palavras e imagens, mas os transfigura num saber comovido e cordial que reconhece o excesso do ser infinito e o acesso à sua verdade absoluta na mediação hermenêutica de uma verdade para nós realizável na riqueza da circunstância existencial. Em vez da imposição gnóstica de uma fuga dos prazeres e sofrimentos do mundo, a adesão cristã a Deus que se comunica e manifesta no mundo oferecendo gratuitamente o verdadeiro sentido da dor e da alegria. Em vez da opção monista pelo silêncio místico que traduz o vazio do Uno absolutamente indeterminado e inconsciente, a opção pluralista pelo silêncio mistérico que traduz a relação da comunhão pessoal plenamente consciente.

Só a hermenêutica possibilita a subtil distinção destes dois silêncios, que na consciência frutiva ainda aparece indistinta. Aliás, a definição

desta experiência atemática primordial, em que se dá o estremecimento consciente do ser e da vida como «sanidade integral» sem identidade-diferença ou intencionalidade, também resulta de uma interpretação filosófico religiosa que atravessa a tradição mística do oriente e do Ocidente. O recurso a nomes e conceitos para definir essa vivência contemplativa ou meditativa é mediado por uma determinada interpretação a que nenhum sujeito pode fugir. Por exemplo, o conto tradicional popular da «moura encantada de Montejunto» contém os elementos do «batismo» e da «demonização da serpente» que resultam da influência da tradição judaico-cristã, acrescentando ao padrão mais antigo da tradição celta uma nova significação.

Num registo predicativo puramente crítico e dominado pelas ideias religiosas e científicas de posse, separação e consumo, as significações ancestrais do património do imaginário popular e indígena depositado no inconsciente coletivo ficam encobertas ou ignoradas, desvalorizadas ou associadas a uma fase primitiva ou não civilizada da humanidade. Num registo trans-predicativo de síntese mistérica entre emoção e razão, espiritualidade e ciência, é possível regressar de forma hermenêutica às significações originais com a linguagem e a compreensão de hoje (movimento espiralar), sem ceder à ininteligibilidade do discurso anacrónico. Todas elas se resumem ao sentimento de união com o divino através da experiência do cosmos. Esta síntese superior significa uma apropriação pessoal da experiência vital natural e cultural de carácter único e irrepetível, a qual é transversal à experiência espiritual subjacente a todas as religiões. A diferença mais significativa reside na distinção entre a conceção pessoal do mistério divino no Ocidente e no Médio Oriente e a conceção impessoal de vacuidade do mistério divino na Ásia e no Extremo Oriente.

Cremos que a perspectiva mística asiática tende a retornar ao registo antepredicativo do animismo indígena e das religiões da natureza que se traduz numa absoluta indistinção entre Deus, o mundo e o homem, enquanto a via mística do Ocidente dá maior valor à via predicativa da ciência e da reflexão filosófico-teológica, preservando a relação de

alteridade entre os seres. O destino da experiência espiritual mistérica de síntese entre o antepredicativo e o predicativo não é a diluição ou fusão no divino cósmico, mas é a união de plena comunhão que exalta a identidade pessoal na relação imortal com o mistério pessoal divino que inclui a relação com todos os outros seres. Na síntese mistérica, a relação profunda e inteira com uma árvore faz-nos reconhecer que somos inseparáveis dela em cósmica comunhão, mas não nos faz reconhecer que somos essa árvore e em unívoca identidade. Somos a relação corpórea (senciente e pensante, psicológica e espiritual) com a terra que pisamos, com o vento que nos sopra no rosto, com as cores azuis e amarelas do alecrim e das giestas, com o aroma das rosas albardeiras, mas não nos confundimos com estas diferentes formas de vida. A relação não significa uma identidade por indistinção ou mesmidade, mas sim por comunhão dignificando cada um dos seres na valorização da sua máxima singularidade e especificidade.

8.4. A universalidade da experiência espiritual do Mistério*



Fig. 67 – Para uma experiência do mistério da natureza (fotografia de Maria Ilhéu).

* Texto de Samuel Dimas.

No nível mais elementar do plano antepredicativo, a experiência do Mistério divino é igual em todas as culturas, religiões e espiritualidades, pelo sentir intenso do vento no rosto, pela contemplação maravilhada da vastidão cósmica, pelo estremecimento da descoberta e pela comoção do amor. Quando dizemos que essa experiência misteriosa corresponde a uma união de indistinção entre o ser humano e todos os outros seres ou a uma relação de comunhão entre todas as criaturas, já estamos nos planos predicativo ou trans-predicativo, porque inclui elementos hermenêuticos de filosofias e teologias distintas, de tradições religiosas e espirituais diversas. A vivência sagrada dessa comunhão de ser é atemática, a explicitação consciente da mesma é transpredicativa através de noções e mundividências, emoções e símbolos, pensamentos e metáforas.

Se afirmarmos um monismo panteísta ou um dualismo teísta estamos no plano predicativo e conceitual da cosmologia substancialista aristotélico-ptolemaica, se afirmarmos um teísmo pluralista ou um pantiteísmo personalista estamos no plano predicativo da reflexão metafísica trans-conceitual e relacional, se sinalizarmos com a metáfora e a imagem do silêncio poético, estamos no plano transpredicativo da experiência estética e espiritual, da vivência afetiva e simbólica. A transcendência divina está presente no interior da imanência mundana e é através do mundo que pode ser sentida e compreendida. O fundamento absoluto de Deus que dá ser à realidade criada causada e contingente é simultaneamente totalmente transcendente e plenamente imanente. A distinção do absoluto divino em relação ao mundo contingente não pode ser concebida como a distinção de um ente finito em relação a outro ente finito e, por isso, só pode ser compreendida na linguagem transconceitual e poética do paradoxo e do excesso. O cosmos é uma infinita metáfora que nos convoca a todos para uma vivência amorosa de ser, mas a escuta dessa interpelação vital exige a disponibilidade incondicional do silêncio, rara na palavra que prefere o domínio e na ação que opta pelo utilitário.

Ecumenismo espiritual

Que realidade é essa
a montante e a jusante
das formas lógicas de pensar e de dizer?

Todos pertencemos ao mesmo sol
que dividimos
em diferentes texturas
de sombra

para agarrar a verdade,

quanto mais apertamos
mais ela se esvai.

Talvez a aridez dessa ausência
possibilite o reencontro
e ninguém se perca
na ignorância
de si

A existência do ser divino absoluto e infinito é co-experimentada por nós de forma implícita ao experimentarmos a realidade contingente das coisas mundanas em que está presente de forma imanente e transcendente. Presente como algo indefinível, na sensação de estarmos vivos e conscientes, na pura sensação de ser, sem teorizações, definições e imaginações em relação a ele. A consciência paradoxal desta experiência mistérica de ser, antepredicativa e atemática, dá-se pela reflexão trans-concetual do nível trans-predicativo. Causa e efeito não são entes separados, pelo que, ao contrário do pensamento lógico-analítico conceptual, na compreensão analógica, conjectural e metafórica da inteligência senciente trans-concetual pode-se conceber a coincidência entre a identidade e a diversidade, fundamento da autossuperação

ou autotranscendência do ser no seu progressivo desenvolvimento ou dinamismo de plenificação. Não é possível permanecer numa pura experiência de ser que escape às concetualizações e definições, porque a nossa vivência exige uma compreensão de sentido, exige uma racionalização ou organização daquilo que é vivido de forma indefinida. Por outro lado, a pura experiência de ser nunca é plenamente pura de ideias e afeções, nunca é pura vacuidade.

Mas no plano transpredicativo é possível integrar a inevitabilidade da inteligibilidade e do conhecimento na experiência da presença abundante, livre, criativa e amorosa do mistério divino em nós. Neste plano, o divino pode ser interpretado de forma panteísta como fundo sem fundo ou vacuidade infinita ou de forma pantiteísta como ser pessoal de infinitas relações que tudo envolve. A experiência antepredicativa, em que se dá a fruição e o saborear do divino, fica oculta pelo conhecimento concetual lógico-analítico, mas pode ser recuperada e enriquecida pelo conhecimento fenomenológico-hermenêutico e simbólico da racionalidade mistérica, acrescentando a essa instância indefinida e indeterminada a comunhão fraterna das relações cósmicas e onto-antropológicas. A experiência da consciência de nós mesmos e da consciência dessa experiência originária de ser dá-se na correlação entre o pensamento e a emoção, a inteligência e a linguagem simbólica. O corpo e o pensamento deixam de ser lugares de clausura para serem lugares de mediação e presentificação do horizonte infinito. A presença matricial em que se dá a emergência do cosmos, sem forma, numa espécie de vazio e nada ou ausência onde tudo se dilui, adquire analogicamente atributos como beleza, verdade ou bondade, liberdade, justiça ou misericórdia. Não significa que essas atribuições esgotem o ser divino, mas permitem valorizarmos a nossa vida com alegria, felicidade e esperança, no reconhecimento de que o precário e o mal serão transfigurados na plenitude absoluta do Amor.

Em vez de separação, a individualidade e a diferença passam a ser concebidas de forma positiva como condição e possibilidade do amor que se institui e desenvolve na surpresa e criatividade da relação. Os limites transformam-se em liminares. A diferença ontológica na pluralidade dos níveis de ser não é uma carência nem uma degradação da Unidade, mas é uma manifestação e expressão da riqueza relacional da realidade que transborda no excesso da sua superabundância amorosa.

LA BARCA



verde mi sangre, rojo tus hojas

ENCERRAMENTO

Espetáculo de música, dança e palavra "o meu pai é de plasticina" com a *Companhia Takatum*



Fig. 68 – Encerramento: Espetáculo de música, dança e palavra "o meu pai é de plasticina" com a *Companhia Takatum* (fotografia de CMA).

O trio TAKATUM é constituído por Marta Coutinho, Ruca Rebordão e Sandra Martins. Um espetáculo de fusão entre dança e música, movimento e o som, construindo histórias através de uma linguagem interpetativa de raízes ancestrais e tradicionais de horizonte lusófono, projetando futuros harmoniosos ainda por descobrir.

O espetáculo "o meu pai é de plasticina" é para ver, ouvir e experimentar. Inspirados pelo livro "My father is made of rubber", TAKATUM criou este espetáculo que utiliza dança, teatro e música para levar o público a

descobrir posturas de ioga e dança que estão presentes no dia-a-dia, mas dos quais nos esquecemos ou nem chegamos a ver. A palavra funde-se com o movimento e com as diferentes paisagens sonoras e leva o público a ser parte ativa de uma história que vai crescendo de intensidade, composição musical e coreográfica, terminando com o convite para cantar e dançar um baile muito especial. Um espetáculo participativo de música/dança/palavra para nos manter a todos em forma, experimentando com o corpo tantas formas como as que podemos fazer, também, com um pouco de plasticina... [Ficha Artística, Co-criação e interpretação: Marta Coutinho, Ruca Rebordão e Sandra Martins; Figurinos e cenografia: Marta Coutinho, Ruca Rebordão e Sandra Martins].



Fig. 69 – Participação do público no espetáculo de música, dança e palavra “o meu pai é de plasticina” (fotografia de CMA).

COORDENAÇÃO

Emília Vizcaíno Cantora, instrumentista, compositora/letrista, pesquisadora e professora de música, com ampla experiência em performance. Estudou piano clássico no Conservatório de Badajoz, onde trabalha como professora de jazz. Também trabalhou como professora de canto no Centro de Artes de Badajoz e como professora de músicas do mundo na Escola Superior de Tecnologia e Artes de Lisboa. Estudou História da Arte (Universidade de Salamanca); concluiu a licenciatura em Performance de Jazz (Universidade de Évora); o mestrado em Performance de Jazz (Escola Superior de Música de Lisboa, com a sua tese sobre Música Carnática); o diploma em Música Carnática (*Swar-nabhoomi Academy of Music*, Índia, onde foi professora de música ocidental) e a pós-graduação em ensino da música para crianças (Universidade Nova de Lisboa). É doutoranda em Música e Musicologia na Universidade de Évora, sendo a temática da sua tese a Ecomusicologia na Península Ibérica. É membro do CESEM – Centro de Estudos em Música, Polo de Évora. Recebeu prémios como INJUVE 2005 (com música brasileira), Prémios Sonora 2012 a melhor álbum e melhor intérprete, e Prémio de Extremadura 2023 a melhor intérprete, entre outros. Nos últimos três anos tem dedicado grande parte da sua atividade à investigação em colaboração com naturalistas (biólogos e ecólogos principalmente) e à criação de repertório ecomusicológico relacionado com a sua tese de doutoramento, com o seu grupo musical *La Barca*, em parceria com o pianista e compositor Rui Filipe. Também faz parte do grupo ecoartístico feminino Mosaiccollective, fazendo espetáculos de educação ambiental para bebés e crianças em Portugal e Alemanha.

Rui Filipe estudou na Academia de Amadores de Música e no Instituto Gregoriano. Trabalhou em programas televisivos durante 12 anos e assinou autoria, direção musical e arranjos para mais de 20 obras de teatro e bailado. Desde os anos 90 foi músico e diretor musical de vários artistas, nomeadamente, Dulce Pontes, com quem desenvolveu uma vasta discografia, compondo e produzindo quer para o mercado nacional quer para o internacional. Representou Portugal por duas vezes como diretor musical no Festival da Eurovisão 2001 (Dinamarca) e 2003 (Letónia). Foi membro fundador e produtor dos projetos Rosa Negra e Xaile, onde obteve várias distinções, tais como, prémio Carlos Paredes, a par de distinções da BBC (Charlie Gillett) e de outros media internacionais. Diretor das marcas MySong.PT e Barqueiro de Oz, desenvolveu uma discografia infantil para as editoras Universal Music e Lemon Music, com quem criou repertórios e personagens – Serafim & Companhia e Mestre André. Dedicou-se nos últimos anos, como pianista, ao seu trio Caixa de Pandora, tendo editado 4 CD's e realizado muitos concertos de Este a Oeste do globo. Atualmente, colabora com a empresa chinesa de audiovisuais One Country, assim como tem estabelecido diversas parcerias em vários trabalhos de publicidade e bandas sonoras com vários músicos, atores e coreógrafos num modelo inter-artístico. Foi Júri por dois anos na Sociedade Portuguesa de Autores, para o prémio de Música Erudita e júri também por cinco anos dos prémios Carlos Paredes. Apresentou-se há 4 anos a solo com o seu projeto “As Viagens do Barqueiro de Oz”. Aí reconstrói ao piano as suas composições, trazendo temperos e memórias de partilhas com artistas do Brasil a Angola, do Bahrain a Israel ou da Índia à China. Talvez sejam a fantasia e a emocionalidade os atributos que melhor caracterizam o seu estilo. Em 2019, funda o projeto a duo “La Barca” com a cantora espanhola Mili Vízcaíno, com quem tem levado a inúmeros palcos, de Espanha ao Japão, com dois discos lançados ao mercado: “Matéria Mestiza” e “Verde mi Sangre, Rojo tua Ojas”. Em 2020 dirige o projeto documentário “A Lusofonia no Mundo” para a Organização Mundial da Propriedade Intelectual. Nos últimos 2 anos tem desenvolvido atividades entre a arte e a ecologia; festivais, produção

de conteúdos e conferências/concertos. Integra atualmente a direção da Sociedade Portuguesa de Autores.

Maria Ilhéu Professora Associada do Departamento de Paisagem, Ambiente e Ordenamento da Universidade de Évora e Investigadora do MED – Instituto Mediterrânico para a Agricultura, Ambiente e Desenvolvimento e CHANGE - Instituto para as Alterações Globais e Sustentabilidade. É mestre em Ecologia e doutorada em Ecologia e Ambiente. Tem promovido e coordenado diversos projectos científicos na área da Conservação de Ecossistemas Ribeirinhos e é autora de um vasto conjunto de publicações científicas no domínio da ecologia de rios e da educação para a sustentabilidade ambiental. Nos últimos anos tem-se dedicado a projetos inter e transdisciplinares de investigação no âmbito ecosocial e da educação para a Sustentabilidade com ênfase na reconciliação ecológica, assim como à curadoria de projectos de intervenção pública de cariz ambiental. As conexões entre Natureza e Cultura desenham a rede dos seus interesses e ações como docente, investigadora e ativista. Atualmente coordena o curso de pós-graduação *e-learning* “Ambiente, Sustentabilidade e Educação” da Universidade de Évora e o Curso Internacional da Aliança EUGreen “Living, Inquiring and knowing: outdoor practices for sustainability”.

Samuel Dimas (Vilar, 1970) é coordenador da Licenciatura em Filosofia da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa, onde é professor auxiliar e membro integrado do *CEFH – Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos*. Também é membro da direção do *Instituto de Filosofia Luso-Brasileira* e da direção da *PASC – Plataforma de Associações da Sociedade Civil – Casa da Cidadania*. Licenciado em Teologia com uma tese sobre «A intuição de Deus em Fernando Pessoa», licenciado em Filosofia na via de ensino, mestre em Filosofia e Cultura Ibérica, doutor em Filosofia Portuguesa Contemporânea, tem-se dedicado à investigação e promoção do Pensamento Lusófono e do Pensamento Iberoamericano nas áreas da Antropologia

Filosófica, Filosofia da Natureza e do Ambiente, Metafísica e Filosofia da Religião. Seguindo a via fenomenológico-hermenêutica e a via onto-antropológica relacional, tem desenvolvido o seu trabalho na interdisciplinaridade e transdisciplinaridade entre filosofia, estética, ciência e religião com especial preocupação para o dinamismo das interações globais no horizonte de uma ecologia integral e para o diálogo com a literatura e a arte. Dos seus projetos, destaque para: “Redenção e Escatologia: Estudos de Filosofia, Religião, Literatura e Arte na Cultura Portuguesa”; “Filosofia, Ciência e Religião na Cultura Lusófona Contemporânea”; “História Global da Filosofia Portuguesa”. Enquanto membro da direção do IFLB promove a organização dos *Colóquios do Atlântico*, em parceria com a Universidade os Açores, *Colóquios Luso-Galaicos sobre a Saudade*, em parceria com a Universidade de Santiago de Compostela, e os *Colóquios Antero de Quental e Tobias Barreto*, em parceria com diversas Universidades Brasileiras. Da sua publicação no contexto literário destaque para as obras poéticas *Floração* (2020) e *Trilhos* (2025).

Carla Gomes é Mestre em Gestão e Políticas Ambientais (Universidade de Aveiro, Portugal) e doutorada em Desenvolvimento Internacional pela Universidade de East Anglia (Reino Unido), em co-tutela com a Universidade de Lisboa e a Universidade Nova de Lisboa (Sociologia do Ambiente e do Território). Possui ainda um curso avançado em Alterações Climáticas e Políticas de Desenvolvimento Sustentável e uma licenciatura de cinco anos em Comunicação Social. Tendo iniciado a sua carreira como jornalista, como cientista social ambiental interessa-se especialmente por abordagens interdisciplinares à adaptação climática, justiça ambiental, capacidades humanas e conhecimento ecológico. Participou em vários projetos de investigação sobre a adaptação às alterações climáticas, com o Instituto de Ciências Sociais (Universidade de Lisboa), apoiando principalmente a implementação de ações climáticas a nível local e regional. Carla realizou também pesquisas de campo independentes em Cabo Verde e Moçambique. A sua tese de doutoramento analisou as implicações de justiça dos negócios fundiários da “Revo-

lução Verde” no Norte de Moçambique. É autora de um livro premiado sobre as Alterações Climáticas e os Países Africanos de Língua Portuguesa (PALOP) e é autora e coautora de vários artigos em revistas com revisão por pares, bem como de capítulos de livros, sobre temas como a justiça ambiental, as questões fundiárias, a adaptação às alterações climáticas e o envolvimento das partes interessadas. Liderou uma equipa de investigação (*WP Society, Governance, Policy*) em seis países europeus no projeto *B-WaterSmart* (Horizon 2020, financiado pela Comissão Europeia ao abrigo do acordo de subvenção n.º 869171), focado na análise dos impulsionadores e das barreiras sociais à implementação de uma economia circular para a água.

Paulo Borges (Lisboa, 1959) é Professor no Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e investigador do *Centro de Filosofia* da mesma Universidade, onde ensina Filosofia da Religião, Pensamento Oriental, Filosofia e Meditação e Filosofia e Literatura e onde coordena o *Seminário Permanente Vita Contemplativa – Práticas Contemplativas e Cultura Contemporânea* e o *Núcleo de Investigação de Pensamento Português e Cultura Lusófona* no Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa. Sócio-fundador e membro do Instituto de Filosofia Luso-Brasileira, membro correspondente da Academia Brasileira de Filosofia, membro Fundador da *APERel – Associação Portuguesa para o Estudo das Religiões*, membro do *Conselho de Direção da Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, diretor da revista *Cultura ENTRE Culturas*, cofundador e ex-presidente (de 2002 a 2014) da União Budista Portuguesa, ex-presidente (de 2004 a 2013) e membro da Direção da *Associação Agostinho da Silva*, ex-vice-Presidente da *Associação Interdisciplinar para o Estudo da Mente*, vice-presidente da Mesa da Assembleia Geral da *Sociedade de Ética Ambiental*. Consultor do *Observatório para a Liberdade Religiosa*, desde 2015. Professor de Medicina e Meditação e do Mestrado em Cuidados Paliativos na Faculdade de Medicina da mesma Universidade. Autor e organizador de 65 livros de ensaio filosófico, aforismos, poesia, ficção e teatro, publicados

em Portugal, Espanha e Reino Unido. Doutor Honoris Causa pela Universidade Tibiscus de Timisoara (Roménia), em 2017. Prémio Ibn Arabi – Taryumán 2019, atribuído pela Muhyiddin Ibn Arabi Society Latina, em 2019

Iryna Tarasova nasceu na Ucrânia em uma localidade perto de Kyiv, tendo emigrado para Portugal há cerca de 20 anos à procura de uma vida melhor. Passou por vários empregos em Portugal e, lentamente, começou a construir uma vida nova. Durante este percurso desenvolveu o gosto pela pintura assim como por outro tipo de trabalhos ligados às artes plásticas. Fez formação na Escola Superior de Arte e Design em Caldas da Rainha na área de Ilustração e Produção Gráfica. Na área de pintura é autodidata. Fez também alguns cursos de Arte Terapia e, mais recentemente, tem organizado workshops de criatividade. O seu estilo nas artes define-se precisamente por não ter estilo. Não aceita limitar-se na criatividade, procurando experimentar novas técnicas e criar coisas novas na ousadia permanente de quebrar regras.

ESCUTÁMOS NO SILÊNCIO
DA TERRA E DAS ÁRVORES
O PODER VULNERÁVEL DAS ÁGUAS
QUE TRANSBORDAM DOS MARES CÓSMICOS
PARA DENTRO DAS PALAVRAS
E DOS CORPOS



iecc
pma
Instituto Europeu de
Ciências da Cultura
P. Manuel Antunes

THEYA

eco
FESTIVAL
montejunto

Entidades
Organizadoras



GEOPARQUE
OESTE

Entidades
Parceiras

